

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

**CAROLINE FIRMO DA COSTA**

**“IF THEY BURN OUR HOMES — I BURN THEIRS, TOO.”:**

hegemonia e resistência no universo de Orisha do livro *Children of Blood and Bone* (2018),  
de Tomi Adeyemi

**PARNAÍBA**

**2025**

**CAROLINE FIRMO DA COSTA**

**“IF THEY BURN OUR HOMES — I BURN THEIRS, TOO.”:**

hegemonia e resistência no universo de Orisha do livro *Children of Blood and Bone* (2018),  
de Tomi Adeyemi

Monografia apresentada como trabalho de conclusão  
do curso de Licenciatura em Letras Inglês, da  
Universidade Estadual do Piauí, campus Professor  
Alexandre de Oliveira – Parnaíba, sob orientação da  
Professora Doutora Renata Cristina da Cunha.

Linha de pesquisa: Estudos Literários

**PARNAÍBA**

**2025**

C837i Costa, Caroline Firmo da.

"If they burn our homes I burn theirs, too": hegemonia e resistência no universo de Orisha do livro "Children of Blood and Bone" (2018), de Tomi Adeyemi / Caroline Firmo da Costa. - 2025. 54 f.: il.

Monografia (graduação) - Licenciatura em Letras - Inglês, Universidade Estadual do Piauí, 2025.

"Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Renata Cristina da Cunha".

1. Crítica Literária. 2. Estudos Pós-Coloniais. 3. Hegemonia e Resistência. 4. Children of Blood and Bone (2018). I. Cunha, Renata Cristina da . II. Título.

CDD 801.95

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI  
Francisca Carine Farias Costa (Bibliotecário) CRB-3<sup>a</sup>/1637

**CAROLINE FIRMO DA COSTA**

**“IF THEY BURN OUR HOMES — I BURN THEIRS, TOO.”:**

hegemonia e resistência no universo de Orisha do livro *Children of Blood and Bone* (2018),  
de Tomi Adeyemi.

Monografia apresentada como trabalho de conclusão  
do curso de Licenciatura em Letras Inglês, da  
Universidade Estadual do Piauí, campus Professor  
Alexandre de Oliveira – Parnaíba, sob orientação da  
Professora Doutora Renata Cristina da Cunha.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Professora Orientadora: Doutora Renata Cristina da Cunha  
Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira

---

Professor Convidado: Doutor Ruan Nunes Silva  
Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira

---

Professor Convidado: Doutor Rubenil da Silva Oliveira  
Universidade Estadual do Maranhão, Campus Bacabal

**APROVADA EM 19 DE NOVEMBRO DE 2025.**

Dedico este trabalho a todos aqueles que perderam suas vidas ao tentarem recuperar seus direitos de viver na própria terra. E dedico a aqueles que choram por ainda não terem recuperado, deixando assim, a minha palavra.  
A luta e as lágrimas valerão a pena.

### *Meu muito obrigada...*

Primeiro de tudo, preciso agradecer à minha família, principalmente minha mãe, *Ivonete*, por todo apoio, que me fez permanecer segura em Parnaíba durante os quatro anos da graduação. Tivemos momentos bem delicados em diversas questões que, por um momento, pensei que precisaria trancar minha matrícula, mas minha mãe com toda sua força me ajudou em todas as formas e aqui continuei até me formar.

Ao meu irmão, *Ramon*, uma das primeiras referências que tive na área da educação, pois, mesmo sendo de uma área totalmente diferente, sempre me ajudou com o que eu precisava. Obrigada por me fazer rir, me mandando memes, fotos aleatórias de doguinhos e gatos.

À minha alma gêmea, *Laryssa*, que desde o ensino médio me protege, me acolhe, me ouve, me faz sentir humana em todos os sentidos. Obrigada por secar minhas lágrimas, por rir comigo, por continuar junto a mim, me aguentando quando tomo Coca-cola e não deixo você dormir por falar coisas aleatórias que lhe deixam chocada, até mesmo vermelha. Sem você, eu literalmente não estaria aqui. Amo você, e sabe disso.

À minha linda *Fabiola*, obrigada por me ouvir e me curar mesmo quando não percebia, sua presença me faz pensar como sou sortuda. Dividir o mesmo espaço de um quarto com você e Laryssa me fez mais feliz, mesmo com toda a bagunça e alterações, nossas conversas sempre me alegam. Sou muito grata.

Agradeço aos meus colegas de turma, mas dou um destaque enorme para *Maria Alice e Franciel*, com as suas doçuras, *Nanda*, com seus incríveis talentos, *Wesley*, com sua imensa criatividade, *Bruno*, com seu gracioso humor, e *Victor*, com seu carisma, vocês se tornaram mais íntimos a mim e transformaram as noites de aulas muito mais leves e engraçadas. E por falar em íntimo, *Mary Alice e Nanda* que, no meio de toda essa loucura, me conheceram e tocaram meu coração, as práticas pedagógicas com vocês foram as melhores que eu poderia pedir, sinto muita falta dos momentos que passamos juntas comendo, rindo e jogando conversa fora, espero repetir outras vezes.

Agradeço também ao *Vitor Hugo*, que, mesmo não sendo da minha turma, conseguiu entrar no meu coração com suas palavras de gentileza e energia inconfundível.

Obrigada a *Mires e Lara* que, mesmo de Viçosa do Ceará, me apoiaram com esse curso, me deram muita força. Cada encontro semestral com vocês me renova e me faz continuar, fico ansiosa pelo próximo porque sei que vou rir muito.

Não teria como não agradecer também à *Letícia*, com quem compartilhei, por um tempo, a medicina veterinária antes de me encontrar no curso de Letras, ela me apoiou, assim como eu

a apoio. Você será a melhor médica de bichinhos e estarei com você na sua jornada, como você esteve na minha. Mesmo de longe, meu coração torce por você sempre.

Meu muito obrigada para a minha *beautiful lady*, *Renata* que começou a me inspirar desde a primeira aula que tivemos no segundo bloco, saiba que seu apoio, carinho e, principalmente, conselhos me ajudaram desde aquele nosso primeiro PIBIC, que virou um segundo, até a nossa parceria na escolha do meu TCC. Obrigada por me deixar ser eu mesma nas suas aulas, por rir das coisas que eu falava, por não se incomodar dos sons de gatinhos que eu fazia, por trazer aulas que envolveram meus personagens favoritos e como eu continuo me inspirando neles, assim como me inspiro em você e, também obrigada por ouvir falar coisas que eu não poderia contar a ninguém. Eu não seria uma pesquisadora e nem uma professora se não fosse você, muito obrigada, *my lady*.

Obrigada também ao *Ruan* que, além de lecionar aulas do conjunto de literatura, fazia com que as noites em análises de contos, poesia, peças e livros fossem muito além do que apenas uma interpretação, tudo vira uma festa com você. Agradeço muito pelas nossas conversas sobre as disciplinas ou, até mesmo, sobre coisas aleatórias que sempre acaba em figurinhas de bichinhos. É uma sorte ter você como professor e coordenador, esse curso não estaria aqui sem você, obrigada por não ter desistido de nós.

Obrigada ao *Rubenil*, um professor que, por muito tempo, tive a honra de ter como avaliador de meus trabalhos apresentados em eventos online, as suas ideias e dicas sempre me ajudaram a melhorar minhas pesquisas. Sou muito grata por ter lhe conhecido pessoalmente e perceber o quão doce e incrível você é.

Agradeço à minha banca que, montada pelos três profissionais acima, sempre me fazem ter novas reflexões e olhares para com minhas pesquisas. Obrigada pela nossa parceria, o trio que vocês formam é de uma força imensa!

Por fim, agradeço a mim mesma por, muitas vezes, ter escondido o medo, a ansiedade, o enjoo e todos os outros sentimentos ruins que passaram por mim nessa jornada da graduação. Obrigada, *Caroline* por não desistir. Espero que continue assim para orgulhar a si mesma no futuro.

***Do fundo do meu coração, obrigada!***

***Se nós temos que morrer***

*Se nós temos que morrer, que não seja como porcos  
Caçados e escritos em um lugar sem glória  
Enquanto somos rodeados pelo latido de cães loucos  
e famintos,  
Zombando de nossa má sorte  
Se nós temos que morrer, deixe-nos morrer com  
honra  
Que o nosso sangue precioso não seja derramado  
Em vão; e que os monstros que derrotamos  
Sejam obrigados a nos honrar após a morte!  
Oh, meus irmãos! Nós temos que enfrentar o mesmo  
inimigo  
Mesmo em minoria, que nós nos mostremos  
corajosos,  
E que a cada mil golpes deles, nós retornaremos um  
golpe mortal!  
O que está a nossa frente se não a sepultura aberta?  
Como homens, nós enfrentaremos a matilha  
assassina e covarde,  
Encurralados, morrendo, mas lutando!*

**– Claudie McKay, poeta jamaicano.**



COSTA, Caroline Firmo. “If they burn our homes — I burn theirs, too.”: hegemonia e resistência no universo de Orisha do livro *Children of Blood and Bone* (2018), de Tomi Adeyemi. 2025. Monografia (Licenciatura em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2025.

## RESUMO

O mundo dos livros proporciona diversos sentimentos aos seres humanos, com a leitura temos novas visões de mundo, assim, a crítica literária nasce como catalizadora de novos entendimentos e interpretações não apenas de obras literárias, mas de um vasto universo de possibilidades. No universo da crítica literária estão circunscritas diversas perspectivas teóricas, sendo uma delas os estudos pós-coloniais, que visibilizam as imposições, os conflitos, as dores e as violências impostas às sociedades que foram dominadas, invadidas e colonizadas por países imperialistas, deixando cicatrizes repletas de traumas e opressões sofridas desde então e que ainda hoje são sentidas em seu cotidiano. Uma das armas utilizadas pelos imperialistas para isso é a ideologia, utilizada para, na maior parte das vezes, alienar os habitantes originais, impondo uma hegemonia supremacista, muitas vezes, com viés psicológico e por meio da força física para que o povo dominado não tenha outra opção, a não ser aceitar. No entanto, um dos frutos da opressão é a esperança em que ganha forças naqueles dispostos a resistir, lutando contra o sistema colonial imposto. Diante desse cenário, a literatura emerge como fonte profícua para compreender a colonialidade, sobretudo no que tange as nuances opressoras do imperialismo como um caminho para combatê-lo. Nesse sentido, o livro *Children of Blood and Bone* (2018), de Tomi Adeyemi, narra a história de Zélie e de seu povo, que lutam contra a monarquia do Rei Saran, que trouxe morte e traumas ao povo de Orisha e, principalmente, aos Majis, os seres mágicos desse universo literário. Com isso em mente, esta pesquisa visa responder a seguinte inquietação: Como as ações de hegemonia e as formas de resistência são exercidas no livro *Children of Blood and Bone* (2018)? Para responder a indagação, foi elaborado o seguinte objetivo geral: Investigar como a hegemonia e a resistência são exercidas no livro *Children of Blood and Bone* (2018) à luz dos estudos pós-coloniais. Com o propósito de alcançar o objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Discutir os pressupostos dos estudos pós-coloniais, com ênfase nos conceitos de hegemonia e resistência; Descrever como a hegemonia é retratada com a dominação da monarquia contra os Majis; e Analisar como os Majis e o povo de Orisha exercem a resistência contra a dominação dos colonizadores. Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, de natureza exploratória, fundamentada nos estudos de Gayatri Spivak (2010), Edward Said (2007), Lois Tyson (2023), entre outros. Os achados, obtidos por meio do paradigma de análise interpretativista, revelam que as ações de hegemonia no livro foram indicadas pelo descarte de um povo e da tortura como instrumento de controle e as formas de resistência se moldaram em forma linguística, cultural e armada para a libertação de todo um povo.

**Palavras-chave:** Crítica Literária; Estudos Pós-Coloniais; Hegemonia e Resistência; *Children of Blood and Bone* (2018)

COSTA, Caroline Firmo. **“If they burn our homes — I burn theirs, too.”: the hegemony and resistance in the universe of Orisha in the book *Children of Blood and Bone* (2018), by Tomi Adeyemi.** 2025. Monography (Graduation in English Language Teaching) – Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2025.

## ABSTRACT

The world of books offers a variety of feelings to the human being, with the reading it is possible to have new world visions, then the literary criticism is created as a catalyst agent to a new understanding and interpretation not only of literary works, but of an extensive universe of possibilities. Inside the universe of literary criticism it encompasses a range of theoretical perspectives, one of which is postcolonial studies, which highlight the impositions, conflicts, suffering and violence inflicted on societies that were dominated, invaded and colonised by imperialist countries, leaving scars filled with trauma and oppression that have been felt ever since and are still felt in everyday life. One of the weapons used by imperialists for this purpose is the ideology, which is used, in most cases, to alienate the original inhabitants, imposing a supremacist hegemony, often with a psychological influence and through physical force, to the dominated people have no choice but to accept it. However, one of the fruits of oppression is hope that gains strength in those willing to resist, fighting against the imposed colonial system. Given this scenario, literature emerges as a fruitful source for understanding coloniality, especially regarding the oppressive nuances of imperialism to combat it. In this sense, the book *Children of Blood and Bone* (2018) written by Tomi Adeyemi tells the story of Zélie and her people who fight against the monarchy of King Saran, the one who brought death and trauma to the people of Orisha and, above all, to the Majis, the magical beings of this literary universe. With this in mind, we aim to answer the question: How the action of hegemony and the forms of resistance are performed in the book *Children of Blood and Bone* (2018)? To answer this enquiry, we elaborated the general objective: Investigate how the hegemony and the resistance are performed in the book *Children of Blood and Bone* (2018) in the light of the post-colonial studies. With the purpose of achieve the general objective, the following specific objectives were postulated: Discuss the theory from the post-colonial studies focusing on the concepts of hegemony and resistance; Describe how the hegemony is showed with the monarchy domination against the Majis; Analyse how the Majis and the people of Orisha act with resistance against the colonizer domination. Furthermore, we followed with a bibliographic search, having a qualitative approach, with an exploratory nature and interpretativist analysis with the help of authors like Gayatri Spivak (2010), Edward Said (2007), Lois Tyson (2023), among others. The findings, obtained through the interpretive analysis paradigm, reveal that the actions of hegemony in the book were indicated by the discarding of a people and torture as an instrument of control, and the forms of resistance took shape in linguistic, cultural actions, and armed movements for the liberation of an entire people.

**Key-words:** Literary Criticism; Post-Colonial Studies; Hegemony and Resistance; *Children of Blood and Bone* (2018).

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rei Saran .....	26
Figura 2 – Zélie Adebola .....	29
Figura 3 – Tomi Adeyemi .....	33
Figura 4 – Capa do livro <i>Children of Blood and Bone</i> .....	34
Figura 5 – O mapa de Orisha.....	37

## SUMÁRIO

<b>1 O INÍCIO DA LUTA CONTRA UM INIMIGO MUITAS VEZES INVISÍVEL .....</b>	<b>12</b>
<b>2 O ACORDAR DE CONSCIÊNCIA: a literatura, a Crítica Literária e os estudos pós-coloniais .....</b>	<b>19</b>
2.1 DO PODER DA LITERATURA E DA CRÍTICA LITERÁRIA .....	19
2.2 “COLONIALISM IS ALWAYS VIOLENT”: os estudos pós-coloniais .....	21
2.2.1 Origens da hegemonia .....	25
2.2.2 Questões da resistência .....	29
<b>3 “SOBREVIVA!”: hegemonia e resistência em <i>Children of Blood and Bone</i> (2018).....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 A AUTORA.....</b>	<b>33</b>
3.1.1 A obra de Tomi Adeyemi .....	34
<b>3.2 Hegemonia para controlar os Majis e o povo de Orisha.....</b>	<b>35</b>
3.2.2 Zélie é torturada por Rei Saran.....	38
<b>3.4 As formas de resistência do povo de Orisha liderado por Zélie .....</b>	<b>40</b>
3.4.1 Mama Agba fala em Yoruba com Zélie .....	40
3.4.2 Majis celebrando a Mãe do Céu .....	41
3.4.3 Zélie anuncia a batalha final.....	44
<b>4 “DO YOU THINK ANYBODY’S LISTENING?”: últimas palavras, mas a nossa resistência não acaba aqui .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>

## 1 O INÍCIO DA LUTA CONTRA UM INIMIGO MUITAS VEZES INVISÍVEL

O título que leva este trabalho, “If they burn our homes – I burn theirs too”, é a fala da protagonista Zélie, do livro *Children of Blood and Bone*, de Tomi Adeyemi, em sua tradução, “Se eles queimarem as nossas casas – eu queimarei a deles também”, nos compartilha o entendimento de que cada ataque que o povo de Orisha sofrer da monarquia será respondido à altura, ou seja, a dominação hegemônica será respondida com resistência.

Para iniciar, devo dizer que desde minha<sup>1</sup> infância eu me lembro de ser uma leitora ativa, de pegar livros na biblioteca da escola e me aventurar nas páginas, chegando a ler uma obra completa em um ou dois dias. Com o tempo passando, meus gostos literários foram se ampliando e eu acabei me descobrindo uma fanática por fantasia porque a magia sempre me emocionou, efeitos especiais e tudo que vinha com isso. Porém, com o passar dos anos, lendo e relendo meus livros favoritos, outras coisas começaram a me chamar a atenção nessas mesmas obras, como a força dos personagens e a coragem de fazer o certo para derrubar aquele que veio para destruir. Isso me incentivava bastante a ler e aproveitar os livros que eu me adiantava na leitura, oferecendo noites acordadas pensando nisso.

O que me surpreendia bastante ao ler certas obras era a semelhança que os enredos poderiam ter com o mundo real em que vivo. Me lembro de assistir muitas aulas de História no Ensino Médio e lembrar de certos detalhes que eu havia lido em um livro ou conto, como por exemplo, no livro *Crônicas de Gelo e Fogo*, livros que inspiraram a série *Game of Thrones*<sup>2</sup>, que ganhou um grande espaço no meu coração, pois me remetia às aulas acerca do passado do mundo a fora. No entanto, mesmo lendo essa saga e amando muito o universo que o autor desenvolveu, algo me incomodava bastante (ainda me incomoda): a falta de personagens racializados. Com o passar do tempo, em minhas conversas comigo mesmo, depois de ter finalizado a série e até mesmo os livros, eu me perguntava: Como um universo tão grande não tem pessoas diversas? Por que só pessoas brancas contém protagonismo nessa saga?

Mesmo com o passar do tempo, nas idas e vindas da internet, outras coisas chamaram minha atenção, como a existência, ainda, de pessoas que lutam e sangram para serem libertos de um processo de dominação ao redor do mundo. Questões como a da Palestina, Sudan, Congo<sup>3</sup> e outros demais países fazem meu coração apertar pela razão de que em um mundo tão moderno e tecnológico como o nosso, ainda precisamos implorar para que a dominação de

---

<sup>1</sup> Uso da primeira pessoa para a contextualização do surgimento de interesse da pesquisa.

<sup>2</sup> Série de oito temporadas produzida e distribuída pela HBO MAX.

<sup>3</sup> Países que estão sofrendo algum tipo de violência colonial, como genocídio e exploração.

povos pare e, muitas vezes, nessa luta não conseguimos ter êxito porque as grandes massas apoiam tal genocídio e hegemonia.

Então, com essa mistura de informações em minha mente, em 2021 eu dei um passo para mudar a minha concepção de fantasia e minha mentalidade a respeito de força e resistência. Na semana do livro, que geralmente acontece no primeiro semestre de todo ano, em que diversos descontos aparecem para que os leitores renovem suas prateleiras com livros novos e frescos, eu, pela primeira vez, me aventurei e acabei comprando um novo livro de fantasia que não sabia muito acerca do que se tratava, mas que fui convencida a comprar pelas resenhas que procurei na internet. O livro se tratava de *Children of Blood and Bones*, de Tomi Adeyemi, publicado em 2018, que tem sua tradução para o português como *Filhos de Sangue e Ossos*, uma fantasia inspirada na cultura africana que me trouxe para uma nova perspectiva no que se diz respeito a todo tipo de fantasia que eu já havia lido.

Era simplesmente impossível não se empolgar lendo os capítulos, sentindo a emoção das personagens com cada desafio que o enredo proporcionava. Após finalizar a leitura em poucos dias, já não conseguia pensar em outra coisa, comecei a procurar outras informações a respeito para me aprofundar no universo e acabei descobrindo que a inspiração para a criação do livro havia acontecido em uma viagem da autora para a Bahia, o que simplesmente me encheu de alegria por saber que o motivo do livro que eu acabara de selecionar como novo favorito tinha sido inspirado em uma cidade brasileira, e melhor ainda, nordestina. A partir disso, apenas contei os dias para ler o segundo livro, assim como não vejo a hora de ler o terceiro.

Seguindo, quando o ano de 2022 chegou, eu ingressei no curso de Licenciatura em Letras Inglês, da UESPI de Parnaíba, uma cidade com distância de duas horas da minha terra natal e em outro estado, já que sou natural de Viçosa do Ceará, uma cidade na serra do outro lado da fronteira piauiense. De início, achei que iria ficar na parte de linguística do curso, me aprofundando em estudos de traduções, uma outra área que sempre me interessasse bastante. Porém, após conhecer a professora Renata Cristina, que ao lecionar sua primeira disciplina para o meu bloco já me despertou uma vontade por pesquisa. Lembro de esperar por todos saírem da sala para falar com ela baixinho acerca do que era esses programas de pesquisa que os outros acadêmicos tanto falavam e ela me apresentou ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

Nesse programa, fiz um dos meus primeiros trabalhos de pesquisa, mesmo sem conhecer muito do tópico que havia escolhido. Assim, por coincidência, comecei minha pesquisa com o

programa no mesmo semestre que iniciei a disciplina de Crítica Literária e, finalmente, vi os diferentes caminhos que podia seguir com as linhas de pesquisas, assim atravessei a Corrente Afro-americana com o PIBIC feito em 2023, de título “Entre conscientizar e chocar: os crimes de ódio raciais sofridos por Lucky Emory, em *Them* (2021), série da Amazon Prime Vídeo”. No entanto, o que acabou me chamando atenção foram os estudos pós-coloniais que, com tantos conceitos, como todas as outras áreas, me faziam pensar no que se diz respeito às questões que há tempos já estavam na minha cabeça. Então, no ano de 2024, iniciei um novo projeto com as lentes dos estudos pós-coloniais, de título “Weapons, opium and flesh<sup>4</sup>”: O Japão em *Blue Eye Samurai* da Netflix (2023) à luz dos Estudos Pós-coloniais”

Unindo um ponto ao outro, eu já tinha um livro preferido (*Filhos de Sangue e Ossos*) que sabia que gostaria de trabalhar em minha graduação em um momento futuro, então, ao conhecer os estudos pós-coloniais, eu me decidi antes mesmo de chegar às conversas acerca do Trabalho de Conclusão de Curso.

Como citado anteriormente, os estudos pós-coloniais têm variados conceitos para se aprofundar, então, lendo e relendo as definições e fazendo paralelos aos momentos marcados do livro, já conseguia pensar no caminho que a minha pesquisa levaria.

Posteriormente, a minha pesquisa iniciou revisitando aulas de História que tive no passado, lendo acerca do que a colonização significava e o impacto disso no mundo. As invasões que visavam expansões, novas nações e, até mesmo, com missões de “civilizar”, diversos povos ao redor do mundo foram colonizados, violentados e praticamente destruídos pelo colonizador que, ao se sentir superior, se colocou em um patamar alto. A perda da perspectiva da própria cultura é consequência do discurso colonial que, da mesma maneira que o colonizador se sente superior, o colonizado se inferioriza, não consegue mais ver beleza em seus traços, cultura e costumes, dependendo totalmente do dominador (Bhabha, 2004).

Dessa forma, é de imensa importância que a sociedade consiga identificar tais discursos dominantes que rebaixam culturas alheias e que ajudem tais povos a acharem suas vozes dentro de seus locais para lutar contra a violência colonial. Para o colonizador, o povo que eles veem de cima sempre estará nu, desorganizado, não civilizado, de qualquer maneira, deverão ser silenciados para serem postos em seus lugares (Bonnici, 2009). Consequentemente, ir contra esse sistema é algo selvagem, de mau costume, que não deve estar em ambiente civilizado, esse é o exato pensamento que um colonizador tem quando o oprimido acaba acordando e lutando por aquilo que é dele. Seu espaço original.

---

<sup>4</sup> Armas de fogo, ópio e prostituição.

Antes de qualquer coisa, é importante pontuar que a presente pesquisa foi realizada de acordo com a Crítica Literária, que nos auxilia a visualizar o mundo literário e perceber que a partir dele podemos interpretar diversos acontecimentos, que pode acontecer na realidade que conhecemos (Tyson, 2023). Assim, neste estudo analisamos o livro *Children of Blood and Bone* (2018), refletindo acerca de ações que aconteceram no mundo fictício que muito tem a ver com os relatos históricos e atuais da sociedade atual.

Uma das maneiras de analisar obras literárias é a partir das Correntes Literárias, ou seja, conjunto de estudos e teorias que nos ajudam a interpretar situações presentes nos livros que funcionam para nós, leitores, como um reflexo distorcido (Santos e Oliveira, 2001). Sendo uma delas, os estudos pós-coloniais, que conta com pensamentos de estudiosos como, Gayatri Spivak (2010); Edward Said (2007); Homi Bhabha (2004), entre outros, que buscam entender como as ações coloniais, sejam elas políticas, sociais, culturais, psicológicas, funcionam no ambiente colonizado (Tyson, 2023). Para que, assim, consigamos entender como a colonização afetou a mente e a literatura sobre pessoas que passaram por violências e deixaram seus resquícios até os dias atuais.

Os estudos pós-coloniais vêm ganhando forças com o passar dos anos, uma vez que até a segunda guerra mundial, países como a Inglaterra ainda segurava colônias na Ásia que lutavam para conseguir a independência, lutando contra a hegemonia, um dos conceitos que a corrente carrega. Bonnici (2005) conceitua hegemonia como termo adaptado de Antonio Gramsci para o pós-colonial, que fala acerca da dominância de um povo contra outro, reprimindo os costumes do povo dominado e os disciplinando a partir dos ideais que a sociedade, digamos, mais forte aplicará. Assim, a sociedade perde suas características por conta da violência posta por essa dominação, aceitando os termos e vivendo a partir deles como um novo povo domesticado.

Por outro lado, junto com a ideia de hegemonia, temos a luta contra essa dominação, em que os colonizados se unem para lutar contra o sistema que o colonizador criou, transformando-se em um grupo de resistência, que não é necessariamente um ato violento para responder a violência com violência, e sim ações em que os considerados subalternos celebram de sua cultura, música e literatura para continuar vivendo de suas raízes e não do que o colonizador ditou como certo (Bonnici, 2005). Em adendo, celebrar a própria cultura e lutar para mantê-la é sobreviver dentro de uma população regrada pelo dominador violento.

Logo, essas características do pós-colonial que são presentes na realidade podem também ser encontradas em obras literárias que narram nações que foram construídas a partir



da colonização e exploração de povos. Assim como no livro, *Children of Blood and Bones* (2018), de Tomi Adeyemi, narra a história de Zélie, uma das sobreviventes da Ofensiva, que carrega consigo o dom da magia, mas que não consegue utilizá-la por acreditar que toda e qualquer elemento mágico de seu povo teria desaparecido após a violenta invasão que perseguiu e assassinou a maioria dos Majis, pessoas que carregavam consigo um dom mágico.

A partir de uma reviravolta na vida em que levava, Zélie se vê em uma luta para a sobrevivência não apenas de si própria, mas também do seu povo e da magia que levava. Toda sua trajetória já era composta de lutas para manter a cultura de Maji viva e, após ser notada involuntariamente pelo seu pior inimigo, a monarquia, essa luta se torna mais intensa.

Diante de tal problemática, esta pesquisa pretendeu responder a seguinte inquietação: Como as ações de hegemonia e as formas de resistência são exercidas no livro *Children of Blood and Bone* (2018)? Para responder a questão, foi elaborado o objetivo geral que consta em: Investigar como a hegemonia e a resistência são exercidas pela monarquia e o povo de Orisha, no livro *Children of Blood and Bone* (2018) à luz dos estudos pós-coloniais. Assim, auxiliando no cumprimento do objetivo geral, os objetivos específicos foram elaborados em: 1) Discutir os estudos pós-coloniais, com ênfase nos conceitos de hegemonia e resistência; 2) Descrever como a hegemonia é retratada com a dominação da monarquia contra os Majis; 3) Analisar como os Majis e o povo de Orisha simbolizam a resistência contra a dominação dos colonos.

Em termos de metodologia, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, de natureza exploratória, fundamentada no paradigma de análise interpretativista. Assim, inicialmente, realizamos a parte da leitura que envolve a Crítica Literária com autores como Lois Tyson (2023), Jonathan Culler (2011) e os estudos pós-coloniais, no qual nos aprofundamos nas lentes teóricas de autores como Spivak (2010); Said (2007); Bush (2006); entre outros e outras pesquisas acadêmicas para entender, no tocante ao mundo da pós colonização, o que envolve os termos hegemonia e resistência dentro do povo dominado. Com a crítica em mente, fizemos uma releitura no livro *Children of Blood and Bones* (2018), escrito por Tomi Adeyemi, que tem a tradução de título para português como *Filhos de Sangue e Ossos*, assim, selecionando os trechos analisados na pesquisa à luz dos estudos pós-coloniais.

Além da presente pesquisa, o livro lançado em 2018 foi usado como uma obra literária para análise, tendo, assim, dois trabalhos publicados em meio digital, o primeiro deles sendo de Hélia da Silva Alves Cardoso (2023), com sua pesquisa “A floresta como representação espacial e temporal em filhos de sangue e osso”, em que investiga como um local descrito em uma ficção

pode ser representado como um baú de memórias que podem ser destrutivas ou construtivas à realidade do humano. Já a outra pesquisa, também pertence à Cardoso (2024), porém, dessa vez, ela utiliza o livro como obra de sua dissertação de título “O universo de Orisha: as representações da violência em *Children of blood and bone*, de Tomi Adeyem”, em que o foco é a representação que a violenta ofensiva tem e como isso pode ser uma maneira da escritora simbolizar o passado de diversos povos africanos na colonização.

Nesta pesquisa, que também analisou *Children of Blood and Bone*, com as principais leituras em mente, o trabalho começou sua busca por análises interpretativas no que gera a hegemonia em um povo que foi colonizado e agora vive pelas leis do colonizador, também pelas formas de resistência que a nação acordada tem em relação à violência, muitas vezes, silenciosa que acontece dentro do meio social. Toda a escrita foi baseada em estudos recentes e também canônicos dos estudos pós-coloniais para que a pesquisa tivesse mais do que uma linha de pensamento dentro das interpretações.

Diante disso, há diversos motivos do porquê esta pesquisa é necessária. O primeiro delas é a justificativa em âmbito social que terá como função expor mais um exemplo de hegemonia contra povos originários de uma terra para que, a partir de análises da literatura, seja ela qual for, o que os povos sofreram e ainda sofrem com tamanha dominância entre povos que dizem e violentam pessoas por uma questão fictícia de superioridade, baseadas em uma procura desnecessária por expansão causada pelo sistema egoísta não seja esquecido.

Adiante, no âmbito acadêmico, para o meu curso de Licenciatura tenho mais uma adição de pesquisa de conclusão de curso pós-colonial, já que temos uma escassez na qual apenas um trabalho está contido na biblioteca de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). No entanto, nessa justificativa, não posso me referir apenas ao curso oferecido pela UESPI de Parnaíba, e sim a todos os cursos de Letras do país que procuram por essa área de estudos e querem seguir com novas pesquisas a respeito dos estudos pós-colonial. Espero que a minha pesquisa seja um passo à frente para pesquisadores que não sabem por onde começar e consigam ver minhas palavras como inspiração para seus próprios estudos.

Já em âmbito pessoal, esperamos que contribua não só com a jornada de estudante e pesquisadora, mas também como professora, que sempre coloque a curiosidade em primeiro lugar para buscar o novo e trazer novas pesquisas para a área de pós-colonial. Em adendo, também procuro ter a possibilidade, quando estiver em uma sala cheia de alunos, relacionar tais aprendizados com as disciplinas a serem lecionadas para que a nova geração seja inspirada a pensar, pesquisar e contribuir.

No que diz respeito à estrutura, esta monografia está dividida em duas seções, além da Introdução e das Considerações Finais. Na segunda seção, tratamos das nuances teóricas da crítica literária e dos estudos pós-coloniais e na seção três apresentamos as análises dos fragmentos selecionados do livro à luz das categorias de hegemonia e resistência.

## **2 O ACORDAR DE CONSCIÊNCIA: a literatura, a Crítica Literária e os estudos pós-coloniais**

Nesta seção, tratamos de Literatura e Crítica Literária a partir das teorias de Terry Eagleton (2006); Antônio Candido (2004); Lois Tyson (2023); assim como outros estudiosos. Na sequência, discutimos os pressupostos dos estudos pós-coloniais, bem como os conceitos de hegemonia e resistência, na perspectiva das pesquisas de Bonnici (2009); Spivak (2010); Bhabha (2004); Said (2007); entre outros.

### **2.1 DO PODER DA LITERATURA E DA CRÍTICA LITERÁRIA**

Consumir produções culturais é muito comum no dia a dia, sejam elas livros, filmes ou séries para nos distrairmos das vivências do mundo real. Porém, muitas dessas tentativas de escapismos acabam por nos levar para outro universo no qual também existem diversos problemas. Sejam eles sociais, políticos ou pessoais (de acordo com os personagens) e isso nos leva a uma nova reflexão acerca do que aquilo representa para nós e como nos afeta como seres humanos. O pensamento no tocante aos nossos personagens e universos favoritos pode moldar nossas experiências na realidade, algo que aprendemos e levamos para as conversas na sociedade vivenciada.

Ao se referir à literatura, existem vários conceitos válidos para se referir ao mundo literário e como se manifesta, já que “[...] works of literature come in all shapes and sizes and most of them seem to have more in common with works that aren’t usually called literature than they do with some other works recognized as literature” (Culler, 2011, p. 20).<sup>5</sup> Todos os modelos que um livro tem podem ser considerados literatura, não é possível decidimos qual livro poderá ser ou não considerado literatura apenas olhando para o exterior dele, o formato ou como se apresenta. Com isso, é muito difícil conceituar o que literatura poderia ser e como ela é transmitida. Outro exemplo, dessa vez pelas lentes de Eagleton (2006), diz que o conjunto não-pragmático de livros que contam com a ficção para construir uma história e reúne o pensamento único do autor, é literatura. Todos os contos, romances que trazem nomes e novos lugares são ferramentas para que o livro seja o trabalho de literatura importante na vida do leitor.

---

<sup>5</sup> “[...] obras literárias podem vir em todos os formatos e tamanhos e a maioria deles ainda podem ter mais em comum com outras obras que geralmente não são chamados de literatura do que com aquelas que são consideradas literatura” (Culler, 2011, p. 20, tradução nossa).

Em adendo, podemos também dizer que toda a arte feita para uma contribuição ao meio social pode ser referida como literatura (Candido, 2004). Assim, podemos ter livros que falam acerca de novos mundos fictícios que podem ter grande peso para a sociedade atual que a todo momento é modificada.

Logo, umas das funções que a literatura tem com seu público é de mantê-los em um nível sociocultural satisfatório, já que é comum sentir prazer ao praticar a leitura e, assim, desencadear uma melhoria em questões mentais e orais (Eco, 2003). O corpo e a mente se unem em sincronia ao entrar em contato com um livro interessante que transforma um leitor leigo em alguém mais experiente. Porém, mesmo com essa função, não é preciso que alguém seja culto para saber apreciá-las, as obras em si já conseguem ser aproveitadas apenas com a leitura breve, que tem grande poder.

A literatura tem em suas características a presença de algo que interliga o real do fictício chamado mimesis, que antes usado na oratória, no momento vivido que o drama oferece, também está presente naquilo que imita o cotidiano e o coloca em paralelo dentro de livros (Souza, 2007). Na ficção atenuada que lemos para o momento de relaxamento ou escapismo do dia a dia tem a possibilidade de conter muito mais da realidade do que podemos pensar, porém, muitas vezes, não conseguimos enxergar de fato como aquilo está estabelecido entre as páginas e capítulos.

Diante disso, os livros têm o poder de nos transformar como pessoas, de nos fazer ter novos aprendizados, mas, além disso, é possível levar tais ensinamentos a um novo nível de interpretação e é nesse modelo de pensamento que a Crítica Literária consegue ser protagonista. Com a Crítica Literária é possível interpretar essas produções e, assim conseguir entender algo que tenha a ver com o mundo em que vivemos, trazendo algo novo não apenas sobre nós, mas também de todos ao nosso redor (Tyson, 2023). A leitura interpretativa ocorre trazendo uma nova pauta que deve ser lidada com responsabilidade porque quando é trazida ao mundo real, a questão dos personagens e do universo passar a ser delicada e compromissada.

Consequentemente, a noção da crítica em literatura não precisa que o leitor seja o mais experiente e profundo no que se diz respeito à temática do trabalho lido, a crítica vai auxiliar na apreciação e na identificação dos problemas (Compagnon, 2010). O leitor vai conseguir encontrar as inquietações dentro dos livros, usando da crítica para expor o que o enredo propõe mostrar ao público, muitas vezes, sem muito esforço dependendo da escrita da obra.

John Sutherland (2011) explica que o conceito de contar uma história se foca exatamente no que está sendo narrado, nos detalhes que levam aquilo para frente, o enredo será priorizado

para não tirar a atenção do que está acontecendo. Desse modo, é importante frisar que a Crítica Literária também tem esse foco de prestar atenção no que leva uma trama a ter diversas problemáticas que tanto se espelham com a realidade. As obras literárias são peças principais para entender os efeitos do ser humano e é com a crítica que podemos analisar tais efeitos particulares e porque isso pode acontecer, totalmente baseado na literatura em relação ao cotidiano real (Culler, 2011). A importância das análises traz um novo pensamento no que se diz respeito ao que é considerado normal, a poética presente em livros pode significar diferentes definições.

Desse modo, de acordo com Fábio Durão (2020), não tem como a Crítica Literária estar presente em algo sem uma função social, isto sendo ligado diretamente ou indiretamente ao mundo real. As manifestações da literatura deverão estar alinhadas para que aquele que está lendo se surpreenda com o quão reflexivo algo fictício pode ser e, assim, aplicar as noções da Crítica Literária.

Com isso, a crítica apresenta diversos estudos para nos ajudar em nossas análises que serão direcionadas ao público, dentro da Crítica Literária tais linhas de pensamentos são chamadas de “Correntes”, que auxiliam os acadêmicos a encontrarem o caminho certo de suas pesquisas. Em adendo, Tyson (2023) as define como correntes: Psicanalítica, Feminista, Afro-americana, Queer, Marxista e Pós-colonial, o estudo selecionado para nos guiar neste trabalho.

## **2.2 “COLONIALISM IS ALWAYS VIOLENT”<sup>6</sup>: os estudos pós-coloniais**

A história mundial é composta por explorações para lugares desconhecidos em busca de um novo ambiente, um novo dia ou, como muitos dizem, “novo mundo”. Diversos chamam de conquista, mas essa exploração de novas terras tem um nome mais justo e propício: invasão. Assim como todo movimento que durou por décadas, a exploração colonial de territórios também é separada em ondas. A primeira onda aconteceu ainda no século XV, quando as primeiras civilizações europeias começaram as grandes navegações, as quais tinham o objetivo de expandir o território da Europa em locais desconhecidos, os pioneiros dessa época, sendo Portugal e Espanha, que viajavam via oceano em busca de novas nações para invadir e ocupar para fortalecer seus países com as extrações que seriam feitas (Ferro, 2017). A primeira onda foi bastante violenta, as ações começaram a espalhar o poder do colonialismo para levar a força toda uma nova visão de mundo para o local invadido.

---

<sup>6</sup> “Colonialismo é sempre violento” (Veracini, 2023, p. 20, tradução nossa).

Posto isso, os colonizadores, os que dominam, utilizaram da violência para construir suas vontades no novo local pela razão de que o colonialismo é sempre violento (Veracini, 2023). Em adendo, para explicar melhor o colonialismo, Bonnici (2009, p. 262) explica que:

O termo colonialismo caracteriza o modo peculiar como aconteceu a exploração cultural durante últimos 500 anos causada pela expansão europeia. Distinguem-se o imperialismo mediterrâneo da Antiguidade e o colonialismo pós-Renascimento. No mundo antigo, as grandes civilizações mediterrâneas orgulhavam-se em possuir colônias e insistiam na hegemonia da metrópole sobre a periferia, a qual era considerada bárbara, inculta e inferior.

Assim, como o autor aborda, as populações europeias sentiam orgulho em colonizar territórios fora da Europa, provando que não existe uma “descoberta acidental”, todo o movimento para a expansão já havia sido pensado, também como as maneiras de conseguir seus objetivos de qualquer maneira.

Nessa esteira, é importante lembrar que o colonialismo nem sempre conseguia a dominação total, ou seja, havia locais onde o saque não ocorria, isso abria um espaço para o mercado de trocas, mas deixando bem claro que o tipo de troca seria o de armas, o europeu “avançado” trocaria uma arma de fogo por algo que os nativos teriam no território espécies nativas, minério e, o mais trágico de todos, o ser humano (Ferro, 2017).

Consequentemente, o mercado de escravos é o que liderava a segunda onda do colonialismo. As terras invadidas tiveram seus nativos escravizados, porém, com o passar dos anos de abusos e violências, esses povos começaram a ser dizimados e insuficientes para o trabalho que as coroas europeias exigiam, então o comércio de pessoas africanas começou a liderar como a colonização era exercida (Veracini, 2023). Tal comércio era levado tão a sério que os colonizadores começaram a ver pessoas africanas como mercadorias reais, assim como Hall (2019, p. 173) aborda: “As slavery expanded, a series of codes was constructed for the Spanish, French, and English colonies governing the status and conduct of slaves. These codes defined the slave as a chattel— literally, “a thing,” not a person”.<sup>7</sup> As pessoas que iam e vinham no movimento da diáspora eram contabilizadas e marcadas para que cada governo tivesse “direito” naquilo que transportavam, mostrando que, assim como a primeira onda de colonialismo, a segunda também foi marcada com muita violência.

---

<sup>7</sup> “Com a escravidão expandindo, uma série de códigos foi montada para as colônias da Espanha, França e Inglaterra que governavam o status e a conduta dos escravos. Os códigos definiam os escravizados como uma propriedade – literalmente “uma coisa”, não uma pessoa” (Hall, 2019, p. 173, tradução nossa).

Diante disso, é possível entender que viver no mundo após a colonização é saber que está pisando em cemitérios e terras saqueadas que os navegantes, a mando de reis e rainhas, abandonaram; é saber que os chamados “impostos” são obrigatórios porque um novo sistema foi implantado; e, também, é saber que a história dos mais fracos não será ouvida (Ferro, 2017). Por conseguinte, em termos atuais de globalização, é muito comum ouvirmos a versão do mais forte, assim como lemos uma narrativa fictícia em que só temos o ponto de vista de uma pessoa. O mundo atual é construído pela cultura, em que o Ocidente e seus países de grande potência expõem (Said, 2007).

Ao citar Edward Said, é importante salientar que os estudos pós-coloniais que abrange os conceitos acerca do que aconteceu após a colonização mundial apenas é estudada com esse nome “pós-colonial” porque o autor palestino Edward Said publicou o livro “Orientalismo: O Oriente Como Invenção Do Ocidente” em 1978. A academia não tinha uma linha teórica certa para explicar e analisar os efeitos coloniais no mundo, então a obra do autor funcionou como um divisor de águas.

Eles estão com os termos em mãos e fazem o possível para narrar a construção do mundo de acordo com seu *story-telling*<sup>8</sup>, abordando apenas as partes em que os fazem heróis e salvadores. Com isso em mente, o pós-colonial irá se desenvolver para indicar uma nova narrativa a partir daqueles que foram esquecidos e explorados no meio de todo o desenvolvimento de nações.

Os estudos pós-coloniais nascem para que possamos entender os problemas que toda a colonização, ocorrida ao redor do mundo, ainda é prejudicial ao ser humano atual (Culler, 2011). As práticas da dominação fizeram com que o colonizado parasse para pensar no que aquilo significava e, assim, nasceu um estudo para examinar o “pós”, assim como é colocado no próprio nome da linha de estudo. No século XX, anos após diversos países já terem passado pela construção do eurocentrismo que adentrou nas nações consideradas “inferiores”, o pós-colonial começa a examinar detalhes acerca do grande movimento de manter povos como algo rebaixado, principalmente países da América do Sul, Ásia e África (Bonnici, 2009). Tal tentativa de encaixar uma nova cultura, era padronizar o modelo europeu cristão e branco em sociedades que continham diferentes costumes.

Para entender melhor, o termo “pós-colonial” pode ser visto como a temática que busca a descrição de um processo global que atingiu culturas nacionais e internacionais e, assim,

---

<sup>8</sup> Termo em inglês que indica uma técnica para conseguir a atenção e aprovação do outro a partir que uma pequena narrativa.



reescreve as narrativas imperialistas dando a voz para o colonizado explicar suas noções acerca do processo colonial (Hall, 2019). Assim, é a vez do colonizado contar sua história, a trajetória que seu povo teve a partir desses processos violentos de exploração.

Consequentemente, os estudos pós-coloniais envolverão uma reorientação para os pesquisadores acerca das perspectivas de conhecimento que o Ocidente cria em relação à política, economia e meio social, já que países chamados de terceiro mundo apenas tem tal nomeação por conta da grande exploração que deixou o local em situação escassa (Young, 2021). O mundo está sendo direcionado para o Ocidente e sua cultura dominante, então, o pós-colonial desconstrói esse conceito focando naquele que sofreu ou está sofrendo a violência dominante.

Logo, a razão por toda a colonização de diferentes locais terem acontecimento foi simplesmente pela ideologia que os colonizadores europeus criaram acerca de si próprios. Para eles, a Europa era o centro do mundo (eurocentrismo), o berço que carregava humanos superiores a todos aqueles que habitavam em outros lugares, mais especificamente, países fora do continente europeu eram considerados selvagem e sem desenvolvimento (Tyson, 2023). Assim, com o eurocentrismo sendo a base que dominaria o mundo, logicamente, os demais países estariam sendo colocados à margem da sociedade e tratados como inferior.

Todo esse espaço proposto pelos europeus é ser chamado, por Gayatri Spivak (1985), de *Worlding* que, em seu ensaio “The Rani Of Sirmur: An Essay In Reading The Archive”, resume bem como os colonizadores construíram toda a história mundial de acordo com suas próprias lentes, tendo incluso mapas, cartas, pinturas, entre outros, tudo a respeito do período colonial. Dessa forma, toda a trajetória do colonizado não era reproduzida e nem confirmada, como se não fosse importante o suficiente para o mundo saber.

Diante disso, o peso que a era pós-colonial carrega é muito mais do que apenas anos que vem depois, a colonização deixou a triste herança de conceitos trazidos da Europa, como a separação de classes, pré-conceitos acerca da hierarquização de raça e gênero (Bhabha, 2004). O colonizado passa a seguir tais caminhos do dominador para tentar se encaixar na realidade imposta que vive após toda a violência.

Tendo a noção de invenção do mundo a partir da pena da Europa, é possível dizer que existem diversas histórias que nunca serão contadas, línguas nunca aprendidas, culturas nunca respeitadas pela razão que todos esses tópicos foram ignorados para não serem levados ao mundo (Said, 2007). Em adendo, sem a voz do colonizado é impossível que suas histórias sejam levadas ao mundo e mostradas aos povos sem que sua própria cultura seja explorada e levada

de sua própria terra para ser exposta para o entretenimento daqueles que, por muito tempo, os dominou violentamente.

Os estudos pós-coloniais podem ser vistos como o começo da voz do subalterno, que está levantando e expondo os horrores que a dominação imperial adotou em suas terras e, com o início, caminhamos para a decolonialidade que investiga muito além do que o sofrimento da colonização, a teoria tem o oprimido como protagonista estudando sua história antes mesmo de estar nos campos.

Posteriormente, as orientações estão sempre em andamento porque os estudos estão sempre avançando, acerca da perspectiva pós-colonial, isso porque:

The postcolonial perspective – as it is being developed by cultural historians and literary theorists – departs from the traditions of the sociology of underdevelopment or ‘dependency’ theory. As a mode of analysis, it attempts to revise those nationalist or ‘nativist’ pedagogies that set up the relation of Third World and First World in a binary structure of opposition. The postcolonial perspective resists the attempt at holistic forms of social explanation. It forces a recognition of the more complex cultural and political boundaries that exist on the cusp of these often-opposed political spheres. (Bhabha, 2004, p. 248).<sup>9</sup>

Os estudos pós-coloniais têm a função de dar uma nova visão no tocante aos países fora da visão europeia, é o momento em que o chamado “terceiro mundo” toma a frente e explica o porquê de sua situação econômica e social ser precária, deixando que a versão eurocêntrica seja desmentida dos livros.

### 2.2.1 Origens da hegemonia

Um dos conceitos que está dentro dos estudos pós-coloniais é a questão de hegemonia que, assim como já discutido antes, é um termo que significa a dominância de um povo por meio das próprias vontades destes. Porém, no tocante a esse tópico, é importante lembrar que a hegemonia não é construída sozinha porque, para uma hegemonia acontecer, é necessário que um povo estabilize uma certa superioridade contra outro, instalando um imperialismo que,

---

<sup>9</sup> “A perspectiva pós-colonial – como está sendo desenvolvida por historiadores culturais e teóricos literários – vem das tradições que a teoria sociológica de subdesenvolvimento ou dependência. Assim, como um modelo de análise, isso tenta revisar as pedagogias nacionalistas ou nativas que se relacionam com estrutura binária de oposição entre Terceiro e Primeiro mundo. A perspectiva pós-colonial resiste a tentativa holística acerca de explicações sociais. E isso força o reconhecimento mais complexo de uniões culturais e políticas que existem nas pontas dessas esferas políticas constantemente opostas” (Bhabha, 2004, p. 248, tradução nossa).

estando à frente dos dominados, invista uma ideologia sobre eles. Assim, neste trabalho, a hegemonia será vista pelo ponto de vista do personagem “Rei Saran”, o monarca que liderou a ofensiva contra o povo Maji.

Em uma realidade no qual o mundo consiste em diversas linhas de separações que dividem países, continentes, cidades e estados, há também uma outra linha invisível que nos divide em dois. A linha que determina os limites da superioridade e inferioridade que dita aqueles que se “desenvolveram” ou não, e nos estudos pós-coloniais isso tem a denominação de “Eu” e “Outro”.

Figura 1 – Rei Saran



Fonte: Mike Machira no ArtStation.

O “Eu” se refere ao colonizador que se encontra em uma identidade de superioridade por nascer ou pertencer à Europa. Esse “Eu” se envolve em tudo que é considerado mais avançado em sociedade, eles identificam certo nível que “eles” não poderiam alcançar e entender em questões políticas e intelectuais, já que não são tão “desenvolvidos” como “nós”, os europeus (Said, 2007). Estes se auto conceituam como os donos da palavra e do conhecimento por serem os colonizadores com maior força. De um outro lado, existe a noção do “Outro” que denomina aqueles não-europeus que estão do outro lado da linha do que é o ponto principal do mundo, “eles” que são selvagens e bárbaros e não conseguem se encontrar em novas ideias da parte moderna, chamada Ocidente (Said, 2007).

Com essa noção em mente, é preciso saber que, se há a ideia de um “Eu” superior e colonizador ao “Outro” inferior e colonizado, também existe todo o sistema em que isso se instala, no caso da colonização, existe o império. Sendo assim, Barbara Bush (2006, p. 43) traz uma noção de imperialismo como “[...] specific conjunctions of internal and external factors

relating to different imperial powers.”<sup>10</sup> Esse império é o que controla aquele povo que está abaixo deles, proíbe os idiomas e atos culturais e extermina qualquer ameaça que possa surgir e colocar em perigo a relação de poder deles com os subordinados. Diante disso, os países que passam a ser a colônia de um império, seja qual for, com o tempo ficará em uma espécie mais branda de relação com aqueles que os estão dominando, acabando por aceitar essa “relação informal” que o colonizador acaba por elaborar (Bush, 2006). Assim, fica mais comum para o colonizado normalizar situações de violência contra um grupo que luta contra aquele sistema, e infelizmente, muitas vezes, vê nesse movimento uma espécie de ameaça à falsa segurança que o império transmite.

Nessa esteira, é possível entender que não existe colonialismo sem imperialismo e vice-versa, os dois sistemas são opressores e tem o mesmo objetivo de dominação de uma nação, isso porque:

Neither imperialism nor colonialism is a simple act of accumulation and acquisition. Both are supported and perhaps even impelled by impressive ideological formations that include notions that certain territories and people require and beseech domination, as well as forms of knowledge allied with domination: the vocabulary of classic nineteenth-century imperial culture is plentiful with words and concepts like “inferior” or “subject races,” “subordinate peoples,” “dependency,” “expansion,” and “authority.” (Said, 2011, p. 43).<sup>11</sup>

Ambos os sistemas trabalham para explorar pessoas e tirar delas uma das coisas mais importantes que um ser humano pode ter, o direito de viver em suas próprias terras, casas, falar seus idiomas e ter seus próprios costumes. O colonialismo e imperialismo funcionam para apagar toda uma existência.

Diante disso, a partir da ideia de imperialismo, é possível chegar na ideologia que, assim como os ditados de uma religião, um movimento cultural ou uma filosofia falada muitas vezes, se torna algo comum dentro de um grupo social em que apenas segue aqueles ditos como sua concepção de mundo (Hall, 2019). A fórmula da ideologia é baseada em repetições de palavras e ações para que um povo, que no caso está dominado ou no processo de dominação, passe a

---

<sup>10</sup> “[...] conjunções específicas de fatores internos e externos relacionados a diferentes poderes imperiais.” (Bush, 2006, p. 43, tradução nossa).

<sup>11</sup> “Nem o imperialismo ou colonialismo são um simples ato de acúmulo e aquisição. Ambos são apoiados e talvez até encorajados por uma formação ideológica impressionante que incluir a noção que certos territórios e povos pedem e imploraram por dominação, assim como algumas formas de conhecimentos que estão vinculadas com dominação: o clássico vocabulário da cultura imperial do século dezenove que é cheio de palavras e conceitos como ‘inferior’ ou ‘raças sujeitas’, ‘pessoas subordinadas’, ‘dependência’, ‘expansão’ e ‘autoridade’” (Said, 2011, p. 43, tradução nossa).

seguir essas ideias e vê-las como lei, assim tornando-a verdade absoluta. Geralmente, povos culturais que se dizem mais avançados não conseguem lidar com outras sociedades sem serem imperialistas, racistas e aplicarem uma dura doutrina que domina e inferioriza (Said, 2011). Com isso, o costume de lidar com essa maneira de viver aplicada por aquele que está no poder de um povo, a hegemonia nasce e se instala na mente de todos.

Em adendo, uma das maiores ideologias já vista na expansão europeia é a da raça ariana sendo superior, causando uma diáspora de milhões de pessoas africanas sendo transportadas até as colônias a fim de serem usadas como mão de obra escrava (Bonnici, 2009). Desse deslocamento teve como consequência uma grande cicatriz que assola o mundo até os dias de hoje, o racismo, em que pessoas racializadas sofrem com a violência verbal, física e psicológica, tudo sendo uma herança colonial.

A hegemonia formada a partir da ideologia de um império é colocada em prática porque os dominadores que desejam expandir seus territórios necessitam fazer algo no que diz respeito aos habitantes da terra invadida, o que geralmente causa extermínio (Said, 2011). Os que não são enterrados, acabam por ter sua mente e vivências políticas, culturais e sociais totalmente doutrinado pelo colonizador. Logo, tais práticas de poder deixam um povo traumatizado e oprimido, negando a própria cultura, mesmo sem perceber que aquilo foi um estereótipo estabelecido pelo dominador (Bhabha, 2004).

Se a hegemonia é o sistema formado pela ideologia para controlar os povos invadidos, a contra hegemonia vem para auxiliar a desconstruir essas ideias por meio de projetos e movimentos que batem diretamente com os ideais ditados (Miranda, 2008). Com isso, os projetos traçados pela base social que vivemos é o que nos ajuda a responder o que é mandado. O movimento busca incluir tudo aquilo que foi retirado de prioridades, envolver particularidades e reconhecer a necessidade da nação (Moraes; Leal, 2021). Mesmo quando a ideologia age de forma silenciosa, alinhando os subalternos a uma nova modalidade de vivência de acordo com os costumes que eles trazem de seu país original, entre as pessoas dominadas existem aqueles que lutam contra o poder imperialista, que em seu dia a dia vivem para ir contra o sistema colonial e auxiliarem seu povo a reconquistar a própria história, tais indivíduos são a resistência.

### 2.2.2 Questões da resistência

Uma resistência pode nascer de uma simples faísca, muitas vezes, essa palavra é conceituada como algo que devolve toda a violência de volta para aqueles que destroem o que já estava em pé. Nos estudos pós-coloniais, o conceito de resistência se dá aos atos que vão contra a opressão colonial, não necessariamente usando a força para conseguir um feito, a diferença de poderes, no qual uma parte tem muito e outra parte quase nada, é um dos motivos para a resistência acontecer (Bush, 2001). Para quem está sendo dominado por um poder imperialista, muitas vezes, a forma de resistência mais segura que conseguem fazer é existir e tentar viver são no meio em que estão batendo palmas para a loucura colonial. Com isso, nesta pesquisa, a resistência será vista a partir das lentes da personagem “Zélie”, Maji que defende a magia e o povo de Orisha no livro.

Figura 2 – Zélie Adebola



Fonte: @c.g.kiser no Instagram.

Logo, resistir é uma maneira de retomar espaços, de ambientar aquilo que foi há muito tempo tomado por um sistema que instalou novas regras (Bueno, 2016). Se o objetivo do colonialismo, muitas vezes, é dizimar povos considerados inferiores, existir é uma maneira de resistência. Quando temos o pensamento de transformar a língua do poder para ajudar aqueles que não possuem nenhum é ali que a resistência tem seus meios de funcionar e avançar contra o sistema instalado (Ashcroft, 2014). As relações entre poder e obediência ficam em jogo quando a minoria começa a acordar e colocar seus pares em jogo, é ali que o outro colonizado consegue ver que sim, ainda há valor.

Contestar, avançar e negar as regras ditadas pela ideologia que o processo de hegemonia criou é a reação que o imperialismo não aguarda, o colonizado entender como resistir a violência do dia a dia é um alarme para os colonizadores (Bueno, 2016). Assim, diversas táticas de impedir o avanço do império vão se construindo aos poucos e criando toda uma barreira de resistência que vai do escrever em papel em uma língua proibida até o momento do ataque físico que, muitas vezes, não é celebrado, mas é necessário.

Nesse sentido, uma maneira de combater o imperialismo, a forma mais comum de resistência, é ter como prioridade a própria cultura, continuar a viver dela mesmo com as imposições que o colonizador forçará, mantendo os costumes originais entre as gerações legítimo (Said, 2011). Essa direção não violenta faz com que os povos originários resistam à tentativa de erradicação de sua própria história, fatores como objetos feitos à mão, comemorações que festejam ancestralidade ajudam aqueles que vieram depois do império a entender qual é o verdadeiro significado de sua própria existência. Em adendo, para ter força e continuar a espalhar a própria cultura, o dominado precisa imaginar, precisa ter em sua mente algo a mais do que apenas a dominação constante, já que a mente imaginativa não pode ser interrompida pela autoridade (Thiong'o, 2013). Assim é possível construir artefatos, falar idiomas e cantar músicas que lembram daqueles que vieram antes, é como um exercício da mente, do corpo e alma para que não esqueçam quem realmente são em meio a todo o espaço que a hegemonia tomou conta.

O papel dessas ações é desintegrar a violência que a hegemonia trouxe, é ir além do que pode se imaginar, pois:

The way in which political oppression works is to lock the oppressed into a myth of binary opposition. But this is precisely where music, art and literature demonstrate their power: the aesthetic takes us beyond resistance into the realm of possibility: indeed, aesthetic works dare to imagine the impossible (Ashcroft, 2014, p. 5).<sup>12</sup>

A criatividade é o que leva o subalterno ao impossível, é o que lhe alcança em termos de resistir ao “novo” apresentado pelos imperialistas que querem de qualquer maneira apagar a memória cultural de um povo.

---

<sup>12</sup> “A maneira em que a opressão política trabalha para trancar os oprimidos em um mito de oposição binária. Porém, é aí que a música, arte e literatura demonstra seus poderes: a estética que nos leva além da resistência indo até o reino da possibilidade: realmente, a estética trabalha para imaginarmos o impossível” (Ashcroft, 2014, p. 5, tradução nossa).

Além de celebrar a cultura, existem outras maneiras de resistir à colonização, assim como Bush (2001) cita em *Imperialism, Race and Resistance*, algumas das estratégias que os anticolonialistas usaram como atos de resistência contra a hegemonia branca na África foram: “Protest strategies, such as boycotts, petitions, use of lawyers, non-compliance with the law, strikes, violence and cultural assertions spanned rural and urban areas”<sup>13</sup> (Bush, 2001, p. 121). Todas essas ações unidas trabalham para libertar o povo dominado, porém, o uso da violência, muitas vezes, tem uma devolução bem maior para os colonizados, fazendo-os perder muito de suas forças, já que o império instalado usaria disso como uma alternativa para ser duplicadamente mais violento.

Diante disso, é possível dizer que a resistência armada já existia desde que os nativos se defendiam com as armas que tinham, como os aborígenes no território da Austrália após invasão do Império Britânico (Pugliese, 2025). Mesmo com tempo de manipulação, os nativos sabiam que aqueles que chegaram e estavam dizimando seus iguais por “mau comportamento” era o inimigo e precisava ser combatido. Logo, com os anos de colonização, vieram os movimentos de independência, em que partidos nacionalistas ganharam força e recrutaram seus iguais para lutar contra o colonizador (Said, 2011). Os dominadores apenas mudaram seus nomes e rostos, mas ainda tinham os mesmos ideias de imperialismo, e assim, a resistência também mudava suas feições, mas ainda tinham o mesmo objetivo de derrubar o sistema.

Mesmo com países independentes que ainda exploravam e se denominavam donos da terra alheia, muitas potências continuaram com povos dominados e ao se envolver em conflitos, os convocavam para lutar e defender aquele governo que tanto os explora. Com isso, levantes eram exercidos e influenciados por partidos anticolonialistas que promoveram greves e protestos para acabar com a dominância imperial (Oliveira, 2015). As revoltas são uma maneira de demonstrar a insatisfação com o tratamento ganho do colonizador e, se apenas a voz não é ouvida e nem as pessoas vistas, o colonizado passa a usar a outra opção política e armada. A violência é devolvida de uma forma que apenas os rostos mudam de homem para homem, de ser humano colonial para ser humano anticolonial (Fanon, 2005).

Com as ações ganhando forma, é bem possível que elas cheguem ao conhecimento do público local, muitas vezes, até nacional que, por estarem alienados ao discurso imperialista, não veem isso com bons olhos. Spivak (2010) descreve que o subalterno veria as situações como um incômodo, já que não é comum verem alguém duvidando e indo contra o sistema.

---

<sup>13</sup> “Estratégias de protesto, assim como boicotes, petições, uso de advogados, não cumprimento de leis, greves, violência e afirmações culturais que abrangiam áreas rurais e culturais” (Bush, 2001, p. 121, tradução nossa).



Mesmo tentando lutar por algo seu, o subalterno será silenciado porque aquela população já tem uma ideologia imperialista instalada em sua cabeça. É quase impossível ver os atos culturais ou políticos como algo que está ali para melhorar a vida mínima que o colonizador oferece e repete de todas as formas que é a única coisa que o dominado merece (Spivak, 2010).

No mais, mesmo tendo diversas formas de se integrar entre os colonizados, é possível dizer que a resistência, seja violenta ou não-violenta, é apenas a reação contra o imperialismo, uma maneira de integrar na história às vozes daqueles que não tiveram o espaço para falar (Said, 2011). A partir dessas ações que barreiras e empecilhos são derrubados ou diminuídos para melhorar a luta por direitos, já que quando um governo é instalado, é quase impossível acabá-lo por completo, por isso a resistência é criada para que se torne pelo menos um pouco mais “fácil” de sobreviver.

Diante disso, é possível perceber que hegemonia e resistência são dois conceitos dos estudos pós-coloniais que agem em direções opostas. O primeiro explicando o aprisionamento de uma nação no ciclo colonial e o outro sendo utilizado para discutir as tentativas de deixar a cultura viva e, também, de libertar o povo da opressão. Sendo assim, o próximo capítulo traz as análises que foram realizadas em conjunto com os dois conceitos dentro da obra *Children of Blood and Bone* (2018), de Tomi Adeyemi.

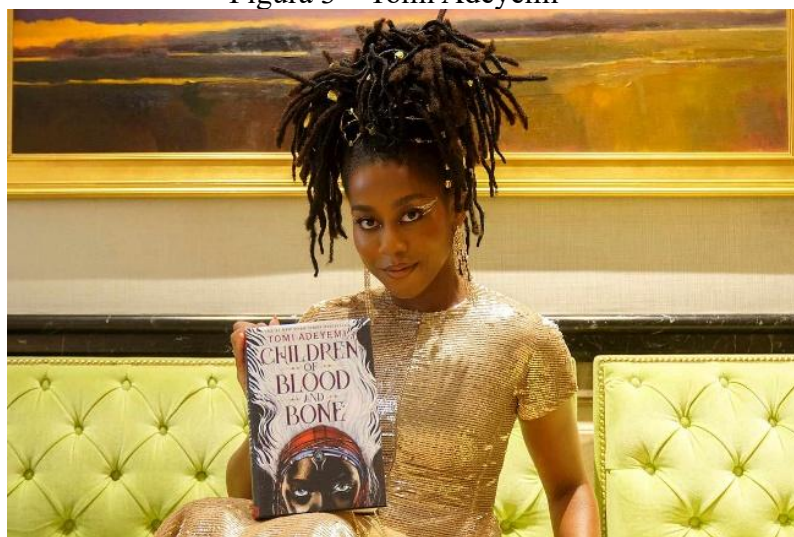
### 3 “SOBREVIVA!”<sup>14</sup>: hegemonia e resistência em *Children of Blood and Bone* (2018)

Nessa seção, trazemos as informações em respeito à autora e à obra, em que as análises da pesquisa foram realizadas, assim como as próprias análises que identificaram as ações de hegemonia e resistência presentes dentro do livro, tendo o Rei Saran e a monarquia para identificar a hegemonia; e Zélie e o povo de Orisha para indicar a resistência.

#### 3.1 A AUTORA

Tomi Adeyemi é o nome da escritora que produziu a obra *Children of Blood and Bones*, traduzido para o português *Filhos de Sangue e Ossos*. Ela é uma escritora americana-nigeriana que começou a ter mais espaço no mundo literário após publicar o livro que inspirou essa pesquisa.

Figura 3 – Tomi Adeyemi<sup>15</sup>



Fonte: People.com

Segundo o Goodreads (2025), ela tem formação em Literatura Inglesa pela Universidade de Harvard e, logo após concluir a graduação, Adeyemi embarcou para o Brasil para estudar mitologia Africana e foi nessa viagem, mais especificamente em Salvador, que ela teve a inspiração para criar a obra aqui analisada. A trilogia está oficialmente encerrada com o volume

<sup>14</sup> Fala de Lekan, um personagem da obra que ajuda Zélie na jornada para recuperar a magia.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://people.com/children-of-blood-and-bone-author-tomi-ayeyemi-has-more-fantasy-in-store-8603248>

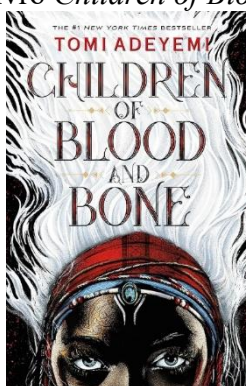
dois *Children of Virtue and Vengeance* (2019) (*Filhos de Virtude e Vingança*) e o volume três *Children of Anguish and Anarchy* (2024) (*Filhos de Aflição e Anarquia*).

Além de escritora, ela é modelo e no momento está trabalhando em conjunto com a Paramount para adaptar a trilogia de Orisha para os cinemas.

### 3.1.1 A obra de Tomi Adeyemi

Apresentado nas primeiras seções deste projeto, a obra literária utilizada na pesquisa, o livro *Children of Blood and Bone* (2018), escrito por Tomi Adeyemi, tem seu enredo em volta dos acontecimentos pós ofensiva, um evento tenebroso que acabou por assassinar de forma cruel a maior parte dos Majis, pessoas que carregam diferentes tipos de magia, acabando supostamente também com o elemento místico. Utilizando de correntes quentes, enforcamento e espadas para matá-los, a monarquia deixou muito mais que um rastro de sangue e cadáveres, ela marcou essas pessoas com o medo de morrer por serem diferentes. Com isso, a magia não voltou, a espiritualidade desse povo não conseguia exercer seus costumes. Então, depois de anos, Zélie, a protagonista da obra e, também, uma Maji que perdeu sua mãe na Ofensiva que acompanhou de perto como a matriarca foi morta pelos governantes, acaba se encontrando em apuros porque infelizmente foi notada erroneamente pela monarquia. Assim, mesmo ainda vivendo no meio de um império que odeia não apenas ela, como também todos os que tem as mesmas características que ela, possíveis Majis, ela precisa encontrar uma forma de se proteger e proteger todos aqueles que são abordados pela monarquia, ou seja, seu povo dominado.

Figura 4 – Capa do livro *Children of Blood and Bone* (2018)<sup>16</sup>



Fonte: Amazon

<sup>16</sup> Disponível em:

<https://www.amazon.com.br/Children-Blood-Legacy-Orisha-English-ebook/dp/B074DZ9MKS>.

Diante disso ela não consegue enxergar outra maneira de combater toda a opressão e trazer a cultura de seus iguais a não ser contra-atacando a monarquia que os agride, os abusa e os mata. Ela, juntamente com o povo de Orisha, nação que muito sofreu na mão do rei e seus subordinados, lutam para resgatar tudo com dignidade, atacando e tentando derrubar o sistema que foi instalado para que eles não sobrevivessem, um sistema que foi criado exatamente para dizimar todos aqueles que possuísssem as características de um Maji.

A narrativa que conta a trajetória de Zélie tem atualmente três volumes, mas utilizaremos apenas o primeiro para investigar os aspectos de como a hegemonia está presente no volume um do universo de *Orisha*, assim como a resistência de Zélie e de seu povo contra a monarquia. Desse modo, é importante salientar que em questões das análises utilizaremos Zélie e seu povo para apresentar as demonstrações de resistência; e a monarquia será nomeada por Rei Saran para expor os aspectos da hegemonia dentro do enredo.

### 3.2 Hegemonia para controlar os Majis e o povo de Orisha

Nesta primeira seção de análise, trazemos as ações de hegemonia presentes na obra que demonstram como o povo de Orisha foi controlado pela monarquia a partir de uma violência que espalhou terror para os Majis. A hegemonia é retratada pela monarquia e seu principal líder, Rei Saran.

#### 3.2.1 O povo de Ilorin sendo algo descartável para Rei Saran

Com o passar de páginas, um pergaminho é roubado do palácio pela filha do Rei que acaba se encontrando com Zélie e as duas fogem para a floresta com o objetivo de não serem pegadas pelos guardas reais. Porém, a notícia que uma Maji estava com o objeto logo é espalhado o que faz com que Rei Saran mande seu próprio filho, Inan, ir até o vilarejo de Ilorin para recuperar o pergaminho e com isso ele deixa bem claro o que o príncipe deve fazer ao recuperar o rolo mágico.

“Inan.” Something twists in his tone. Something **dark. Dangerous.** “When you have what you need, **burn that village to the ground**” (Adeyemi, 2018, p. 76, grifo nosso).<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> “Inan.” Algo mudou no tom dele, algo sombrio, perigoso. “Quando você tiver tudo que precisa, queime aquele vilarejo até as cinzas” (Adeyemi, 2018, p. 76, tradução nossa).

Esta parte está presente no final do capítulo oito, que é narrado por Inan, o príncipe e filho do Rei Saran. Mesmo sendo da família real e vivendo com os ideais de seus pais por toda sua vida, Inan, agora que tem responsabilidades com o reino se assusta ao ouvir seu pai falando o que ele deve fazer depois de recuperar o pergaminho. Os adjetivos que ele usa para definir como o rei estava se comportando são “dark”, que significa “sombrio”; e “dangerous”, que tem tradução para “perigoso”, assim mostrando dominância na fala que termina com uma frase imperativa: “burn that village to the ground”, que traduzindo para um melhor entendimento, “queime aquele vilarejo até as cinzas”, demonstrando dominância.

Ao ver como o Rei Saran dá as ordens para o filho acabar com o vilarejo, ele mostra o perfil de colonizador superior que usa da força para controlar a nação dominada. Edward Said explica usando o conceito de Ocidente e Oriente como as relações entre o dominador e dominado funciona: “A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa, [...]” (Said, 2007, p. 27). Trazendo a argumentação do autor para o caso do Rei Saran, o personagem usa de uma voz imperativa para falar com o próprio filho, dando a ordem de acabar com um vilarejo porque um objeto sumiu. Com isso, ele usa do poder que tem como monarca para deixar claro ao povo de Ilorin que o reinado é mais forte e dominante e, assim, todo um povo ficaria marcado.

Neste diálogo também é presente a maneira de como o reino está sendo separado. Para Rei Saran é tão fácil ordenar que queimem todo um local onde pessoas moram e fazem suas próprias maneiras de sobrevivência, é como se fosse algo descartável que sai da visão de seus olhos, como é explicado por Bonnici (2009, p. 264):

O colonialismo, portanto, gira em torno de um pressuposto no qual o poderoso centro cria a sua periferia. Embora o binômio centro/margem seja uma noção binária, ela define o que ocorreu na representação dos indivíduos durante o período colonial. O mundo foi dividido em duas partes, hierarquicamente constituídas, e o centro se consolidava apenas através da existência do outro colonizado. Segue-se que o centro, a civilização, a ciência, o progresso existiam porque havia todo um discurso sobre a colônia, a selvageria, a ignorância, o atraso cultural.

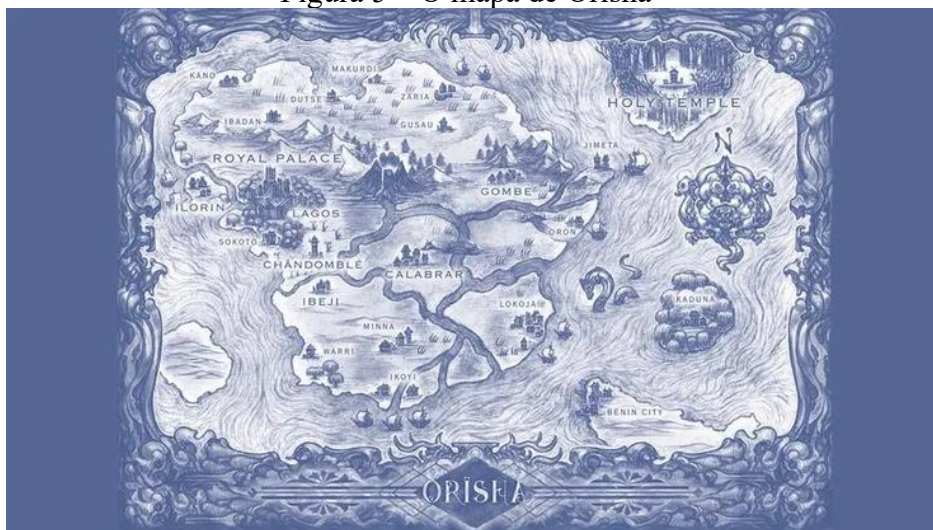
O autor supracitado esclarece as noções de centro e periferia como duas partes separadas pelo colonialismo instalado. No ambiente da obra, o centro seria tudo o que o Rei e a monarquia poderiam ver, os palácios, as riquezas que foram extraídas, os objetos que são precisos para manter o poder. Já a periferia é a parte descartável daquele reino, em que pessoas como os Majis e outras pessoas de Ilorin vivem e que não são significantes porque podem ser substituídas rapidamente. Por isso foi tão fácil aplicar a ordem de queimar toda uma moradia e perigoso de

se contestar, afinal, o rei, dono de todo o poder, aplica com força e violência para deixar claro o ideal, era o superior ali.

Com essa a ordem de Saran, é possível enxergar um processo chamado de “outremização” acontecendo, que segundo a argumentação de Bonnici (2005) esse termo explica a criação do “outro” pelo colonizador, em que essas pessoas, nações, estão colocadas a parte do “nós” ou “eu” que indica o ocidente em si. O território que foi e está sendo explorado tem marcações que o imperialismo pode moldar em diferentes formas a qualquer momento, assim como foi indicado pelo excerto que narra o que Inan foi mandado a fazer com o vilarejo de Zélie.

Para ter uma visão mais clara de como Ilorin foi empurrada para a margem até se tornar insignificante para o rei, o mapa abaixo retrata o mundo de Orisha.

Figura 5 – O mapa de Orisha<sup>18</sup>



Fonte: Pac Macmillan

Como é visto no mapa acima, a parte demarcada é exatamente a representação de onde fica o vilarejo de Ilorin, por ser um local deliberadamente pequeno e encurralado no litoral de Orisha, o Rei soube que seria fácil acabar com tudo até que virasse cinzas. Assim, como o espaço é um lugar para pessoas marginalizadas, no caso os Majis, após tudo virar pó, a monarquia apenas encontraria outras pessoas para preencher o espaço longe do centro, o palácio, para ficarem na periferia, Ilorin.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.panmacmillan.com/blogs/fiction/maji-guide-children-of-blood-bone-tomi-adeyemi>.

### 3.2.2 Zélie é torturada por Rei Saran

Chegando no capítulo sessenta e quatro, Zélie é capturada por Saran que a interroga para saber onde se encontrava o pergaminho e os outros fugitivos do reino que estavam com ela. A protagonista, para proteger seus aliados e ter a chance de trazer a magia de volta para todos os Majis se nega a falar e, assim, é torturada pelo rei.

I feel Father's command more than I hear it. Though I struggle forward, I'm pushed back. **All the while, Zélie's screams grow.** She only gets farther and farther away. **Her sobs and screams bounce against the metal walls.** As her singed flesh cools, I make out the shape of an M. And when Zélie's breathing grows shallow, the lieutenant starts on the A (Adeyemi, 2018, p. 338, grifo nosso).<sup>19</sup>

Mais uma vez, o capítulo é narrado pelo filho do rei, Inan, que presencia a tortura que Saran está provocando em Zélie, marcando a pele dela com metal quente. O detalhe da narração ser o que é chamado por Santos e Oliveira (2001) de narração heterodiegética, indica que foi feita por alguém por fora, um observador que entrega uma visão próprios do que acontece. Assim, nesta cena bastante delicado, com uma violência explícita, traz muito mais do que apenas um outro olhar de um momento de dor. Por ser uma mulher em um contexto colonial, Zélie é duplamente colonizada, uma vez por ser Maji e outra vez por ser mulher, assim, em seus textos, Spivak (2010, p. 15) aborda que “[...] e, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. O sujeito feminino não tem voz em um contexto de opressão, seu corpo, sua voz, todo seu ser é dominado pelo colonizador. Assim, a narração de Inan demonstra que nunca saberemos como Zélie realmente se sentiu nesse momento de dor porque mesmo que seus gritos sejam descritos pelo príncipe, em “All the while, Zélie's screams grow” (Adeyemi, 2018, p. 338), a profundidade do sentimento agonizante não está nem perto da realidade, uma vez que não é a protagonista que descreve.

Continuando com o olhar de Spivak (2010), ela ainda descreve que mesmo quando a mulher subalterna tenta falar, não consegue ser ouvida. Na narração do príncipe ele cita que “Her sobs and screams bounce against the metal walls” (Adeyemi, 2018, p. 338), os gritos de

---

<sup>19</sup> Eu sinto mais a ordem de meu pai do que a ouço. Mesmo que eu tente avançar, sou impedido. E enquanto isso, os gritos de Zélie pioram, ela fica cada vez mais distante. Os fungados e gritos batem contra as paredes de metal e enquanto a pele dela esfria eu identifico o formato de um “M”. A respiração de Zélie fica mais ofegante e o tenente começa o “A” (Adeyemi, 2018, p. 338, tradução nossa).

Zélie ecoam nas paredes, porém, por conta do metal instalado nelas, o som não atravessa em grande intensidade. Assim, deixando claro que, mesmo Zélie tentasse fazer com que a voz dela fosse ouvida, a dor fosse ouvida, naquele momento em que a tortura lhe fazia refém, ninguém iria ouvir, muito menos dar espaço para que alguém a ajudasse.

A tortura que o rei força em Zélie marca o corpo dela de maneira permanente, no excerto acima do livro é possível apenas saber que duas letras foram marcadas no corpo da protagonista, um “M” e um “A”, a formação dessas palavras terminaria na expressão pejorativa “maggot”, que na tradução oficial da obra significa “verme”, se referindo a origem de Zélie. Saran ter marcado o corpo dela com tamanha violência não é por acaso, Bhabha (2004) explica que essa relação entre o dominador e o corpo, principalmente feminino, é mais uma demonstração de poder, pois:

The construction of the colonial subject in discourse, and the exercise of colonial power through discourse, demands an articulation of forms of difference – racial and sexual. Such an articulation becomes crucial if it is held that the body is always simultaneously (if conflictually) inscribed in both the economy of pleasure and desire and the economy of discourse, domination and power (Bhabha, 2004, p. 96).<sup>20</sup>

O pesquisador supracitado esclarece que para uma relação de prazer, na cena da tortura não há nada direcionado explicitamente para algo sexual, porém, há a presença de um abuso físico, o corpo de Zélie é violado e o Rei Saran, ao comandar a tortura, sente prazer em ver Zélie, uma mulher e, principalmente Maji, sofrendo nas mãos dele, tanto que cada marca no corpo dela comprova isso. A figura de Zélie como mulher subalterna é algo comum no meio colonial, em que a mulher tem esse peso de alto-sacrifício para que os outros do meio dominante possam se sentir superiores (Sharpe, 1997).

A história colonial sempre foi escrita por visões masculinas, essa questão de gênero superior é uma das cicatrizes que a colonização mundial traz consigo e deixa nas nações atingidas (Oyewumi, 2001). Essa é mais uma das razões para que Inan esteja narrando a tortura de Zélie porque ela como ser feminino não tem espaço para narrar um momento como esse. Não há nenhum espaço para o ser mulher, senão em espaços de sacrifícios, como dito anteriormente. Ter esses corpos nas mãos do colonizador faz com que eles vejam mulheres

---

<sup>20</sup> A construção do sujeito colonial em discurso e do exercício do poder colonial pelo discurso, demanda uma articulação de formas com diferença – racial e sexual. Tanto que uma articulação se torna crucial se é colocada em que o corpo é sempre simultaneamente (se em conflito) inscrito em ambos da economia do prazer e desejo e a economia do discurso, dominação e poder (Bhabha, 2004, p. 96, tradução nossa).



como um ser anormal que está longe de realmente ser um ser humano, mas sim algo que estaria ali para o benefício do líder masculino (Sharpe, 1997).

### 3.4 As formas de resistência do povo de Orisha liderado por Zélie

Partindo para o outro lado de uma colonização, apresentamos as análises que identificaram as ações de resistência que manteve o povo de Orisha unido contra a opressão da monarquia. Aqui temos Zélie como protagonista e líder da resistência de Orisha, demonstrando como uma cultura resiste à dominação imperial.

#### 3.4.1 Mama Agba fala em Yoruba com Zélie

Logo no capítulo introdutório do livro, temos a cena em que o treinamento de Mama Agba, uma anciã de Ilorin, foi interrompido pela invasão de soldados exigindo um imposto pela presença de Majis no local. Então, ao ver o abuso de autoridade, Zélie tenta combater aquela invasão o que apenas resulta nela sendo machucada pelos guardas e Mama Agba passando mal pelo esforço que precisou fazer para acalmar os ânimos de todos. Assim, quando os homens do rei saem, Zélie tenta falar com a anciã, mas é repreendida por ela com uma fala em Yorubá, o idioma que foi proibido pela monarquia.

“Mama...” I move to help her, but she slaps my hand away. “Òd5!” Fool, she scolds me in Yoruba, the maji tongue outlawed after the Raid. I haven’t heard our language in so long, it takes me a few moments to remember what the word even means  
(Adeyemi, 2018, p.17, grifo nosso).<sup>21</sup>

Aqui, Mama Agba usa apenas de uma expressão para falar com Zélie, “Òd5”, assim como é grifado na citação e, mesmo com a simplicidade de apenas uma palavra, a protagonista quase não reconhece por conta da proibição do idioma. Porém, mesmo assim, Zélie consegue entender a força que a palavra tem, principalmente por vir de uma mulher como a anciã que ali estava para treiná-la.

A presença de usar um idioma proibido é um dos modelos que a resistência pode se manifestar dentro de um local colonizado. Barbara Bush (2001) explica que o ser colonizado

---

<sup>21</sup> “Mama...” Eu me mexo para ajudá-la, mas ela me dá um tapa que afasta minha mão. “Òd5!” Tola, ela me repreende em Yoruba, a língua Maji que foi proibida depois da Ofensiva. Eu não ouvia o nosso idioma em tanto tempo que demorei um pouco para lembrar o que significava” (Adeyemi, 2018, p. 17, tradução nossa).

passa a ter nenhum idioma quando a nação a que pertence é dominada, por isso, a questão de não serem civilizados e considerados bárbaros. Ademais, essa característica dada pelo imperialismo força a aprendizagem do idioma colonizador para que a língua originária se perca. Tanto que no caso da citação da obra, Zélie não consegue identificar facilmente o que a expressão “Ód5” significava, mas como a protagonista era nascida antes da ofensiva, ela ainda teve contato com o Yoruba, seu idioma original.

A recusa de usar o idioma do colonizador não é por acaso, ao não usar das palavras que o colonizador impôs, a personagem anciã está negando não apenas uma linguagem, mas também, o padrão imperial que a monarquia entregou aos Majis, Bonnici (1996) tem um conceito para tal ação “A ab-rogação é a recusa das categorias da cultura imperial, de sua estética, de seu padrão normativo e de uso correto, bem como de sua exigência de fixar o significado das palavras” (p.15). Mesmo não sabendo, Mama Agba usa da ab-rogação para negar uma dominação que a atingiu a fala dela, e ao reprimir Zélie usando apenas uma palavra, ela mostra que continua com a bagagem que os antepassados deixaram para ela.

Com isso, ainda ter a fala em Yoruba falada pelos mais velhos e entendida pela nova geração é um ato político que resgata o que o dominador tenta destruir. Ter essa pequena presença de resistência na narrativa traz de volta os valores que a realidade tem (Bosi, 2002). Trazendo isso para o caso de *Children of Blood and Bone* (2018), ter algo dado como uma pequena faísca de resistência ao sistema imperialista está presente naquela realidade colonial que a obra aborda.

A personagem mais velha poderia repreender a protagonista no idioma mais usado, porém, como elas já haviam sofrido a opressão que a língua trazia consigo, Mama Agba escolheu recorrer às raízes Majis para expressar os sentimentos dela naquele momento. Explicando melhor, a resistência tem “[...] o seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; [...]” (Bosi, 2002, p. 118). No caso das personagens, uma palavra demonstra a força contra todo um idioma que lhe foi forçado. O “resistir”, mostrando que uma mulher idosa, como Mama Agba, ainda tem em sua memória o idioma que aprendeu quando criança e o “insistir” que é Zélie se esforçando para lembrar o que a simples palavra direcionada a ela significava.

#### 3.4.2 Majis celebrando a Mãe do Céu

Já bem avançado na leitura, Zélie consegue fugir de Ilorin e ir em busca de uma maneira para trazer a magia de volta. No meio dessa jornada ela encontra um acampamento escondido na floresta em que outros Majis estão e, assim, após conhecê-los, no capítulo cinquenta e um, Zu, uma Maji curandeira, a convida para celebrar um festival para a Mãe do Céu, festividade que também foi proibida pela monarquia.

“I’ve been wanting to do something fun, a way to bring everyone in the camp together. I know it isn’t the typical time, but we should hold the Àjoy0 tomorrow.” “Àjoy0?” I lean forward, unable to believe my ears. When I was a child, celebrating Sky Mother and the birth of the gods was the best part of my year. Baba would always purchase Mama and me matching **kaftans, silk and beaded, with long trains that flowed down our backs.** In the last Àjoy0 before the Raid, Mama saved up all year so she could buy gold-plated rings to braid throughout my hair (Adeyemi, 2018, p. 276-277, grifo nosso).<sup>22</sup>

Neste momento, a resistência é, mais uma vez, vista de uma forma cultural em que os personagens se unem para tentar celebrar algo que vem da religiosidade deles e que por cultuar deuses que fazem parte da magia, foi algo proibido. Ter esse ato como uma resistência é usar da cultura e da arte para celebrar algo de seus antepassados, já que em todo local que a monarquia e o Rei Saran conseguem encontrar essa manifestação cultural, ela seria proibida.

Seguindo com essa linha de pensamento, no livro *In the Name of the Mother: reflections on writers and empire* (2013), de Ngugi wa Thiong’o, o autor usa de uma narrativa africana, o conto angolano “The Tale of The Hen and The Egg”, de José Luandino Vieira, para fazer uma reflexão acerca da forma não violenta de resistência que os personagens se encontram, ele argumenta:

One is aware of police stations, armed soldiers prowling about in the streets, and above all, the overwhelming presence of prison and its environments of armed warders and political prisoners. The inner life is also connected to the outer: we are made aware of the drama going on inside each character even as they interact in the action of the present. Violence is in the air; but so is the resistance which is associated with the land, the rains, nature, life! (Thiong’o, 2013, p. 96).<sup>23</sup>

<sup>22</sup> “Eu fiquei esperando para fazer algo divertido, algo que uma todos do acampamento. E eu sei que não é a época do ano certa, mas acho que deveríamos comemorar o Àjoy0 amanhã.” “Àjoy0?” Eu me curvo para frente sem acreditar no que ouvi. Quando eu era criança, celebrar a Mãe do Céu e o nascimento dos deuses era a minha época favorita do ano. Baba sempre comprava kaftans combinando para mim e para Mama, a seda e as miçangas com longas caudas que desciam pelas nossas costas. No último Àjoy0 antes da Ofensiva, Mama guardou dinheiro o ano todo para comprar anéis banhados a ouro para trançar junto aos meus cabelos (Adeyemi, 2018, p. 276-277, tradução nossa).

<sup>23</sup> Estando conscientes das estações policiais, dos soldados armados vagando nas ruas, e acima de tudo, a desgastante presença das prisões e dos ambientes de guardas armados e políticos presos. A vida interior é conectada ao exterior: nós estamos cientes do drama que acontece dentro de cada personagem, mesmo que eles tentem

Thiong'o (2013) argumenta como o cenário do conto é repleto de violência por parte das autoridades que regem “ordem” para aquela nação que foi atingida, usando da força para manter tudo em controle. Porém, mesmo com a situação crítica, o povo que ali está encontra uma forma de resistir à dominação daquele governo, ele usa de símbolos da natureza para explicar como ainda há vida ali, no meio de tanta destruição.

Trazendo isso para a trajetória de Zélie, quando Zu a convida para comemorar o festival, a personagem usa da palavra “Àjoy0” do Yoruba para se referir à festividade, o que, mais uma vez, traz uma admiração, ou mesmo, um espanto para a protagonista por ouvir sua língua materna mais uma vez de forma tão natural. Com isso, Zélie começa a lembrar de sua infância e como aquela celebração acontecia e lista o que fazia com a mãe. O que nos traz para a citação de Thiong'o (2013) novamente, que em tradução “A violência está no ar, mas também a resistência que é associada com a terra, as chuvas, natureza, vida!” (p. 96). No caso de Zélie, o Àjoy0 está relacionado com as boas lembranças que ela tem, como os “Baba would always purchase Mama and me **matching kaftans, silk and beaded, with long trains that flowed down our backs**” (Adeyemi, 2018, p. 276-277, grifo nosso). Os kaftans combinando a seda e as miçangas com longas caudas que desciam pelas costas, relacionadas à festa da Mãe do Céu, é uma maneira de Zélie relembrar que existe muito mais do que apenas violência e que celebrar uma cultura passada de seus pais para ela é uma maneira de resistir.

Esse momento da obra pode ser comparado com a realidade atual da sociedade que ainda usa de manifestações culturais para resistir a opressões, da mesma forma que Zu e Zélie usam do “Àjoy0” para celebrar e resistir, Robert JC Young discute que “As an intellectual, an artist, a consumer or producer of culture, you either collude with the aestheticized structure that enforces apartness, or you contest it – by turning the theatre into a site of resistance, for example”<sup>24</sup> (Young, 2021, p. 107). A ação de ainda conseguir celebrar algo que traz uma importância ancestral e mostra que toda uma cultura vive para confortar um povo oprimido é uma resistência difícil porque, como Young (2021) aborda, em algum momento o povo precisa escolher acolher ou contestar a opressão vivida, e escolher a segunda opção é de uma força inexplicável. Ou seja, no momento em que Zu decide convidar Zélie para comemorar a Mãe do Céu quando todos os Majis são oprimidos no reinado de Saran, elas estão contestando aquele

---

interagir com a ação do presente. Violência está no ar, mas também a resistência que é associada com a terra, as chuvas, a natureza e a vida! (Thiong'o, 2013, p. 96, tradução nossa).

<sup>24</sup> Como um intelectual, um artista, um consumidor ou produtor de cultura, ou você conspira com a estrutura estetizada que aplica a separação, ou você a contesta, transformando o teatro em um local de resistência por exemplo (Young, 2021, p. 107, tradução nossa).

governo. Assim, mostrando que a cultura delas vive, mesmo com toda violência que a Ofensiva deixou.

### 3.4.3 Zélie anuncia a batalha final

Caminhando para o final do livro, a batalha final está acontecendo, Zélie acaba perdendo mais pessoas e, no capítulo oitenta, a protagonista lidera os ataques contra a monarquia, trazendo seu último ato de resistência na obra.

**“As long as we don’t have magic, they will never treat us with respect, Baba’s spirit booms. They need to know we can hit them back. If they burn our homes— I burn theirs, too”** (Adeyemi, 2018, p. 407, grifo nosso)<sup>25</sup>.

A questão da resistência é retratada de diversas maneiras na obra, e antes que o volume pudesse ser encerrado, é nos apresentado uma das formas mais delicadas e controvérsias de resistir. Said (2011) aborda que as invasões que o Ocidente proporcionou criou diversas ações de resistência dentro das nações que algum império se instalou, a questão política e nacionalista, que tem o mesmo objetivo de independência, traz consigo uma resposta violenta contra a opressão que foi forçada. Trazendo isto para o contexto da obra de Adeyemi, o contra-ataque que acontece também é em busca de uma forma de independência, sendo esta a busca pela magia dos Maji que foi arrancado deles e proibida pela monarquia de Rei Saran. Tanto que Zélie expressa isso na fala dela “As long we don’t have magic, they will never treat us with respect” (Adeyemi, 2018, p. 407), os Majis não são respeitados no atual governo pela falta de mágica dentro deles, são até o momento tratados na hierarquia como “outro”, que diferente do “eu” monarca, dominador, é tratado como um ser bárbaro.

Na literatura pós-colonial Bonnici (2009) lista características que explicam como o “outro” é visto no meio colonial “[...] é formado por discursos de (a) primitivismo; (b) canibalismo; (c) separação binária entre o colonizador e o colonizado; (d) afirmação da supremacia da cultura, ideologia e visão do mundo do colonizador” (Bonnici, 2009, p. 264). Essa hierarquia que coloca o povo dominado em uma posição inferior é parte da hegemonia controladora que usa do discurso para conseguir governar, já que um povo que não se sente digno de se impor, não irá contestar o império.

---

<sup>25</sup> “Enquanto não tivermos magia, eles nunca vão nos respeitar” O espírito de Baba balança. “Eles precisam saber que nós podemos revidar. Se eles queimam as nossas casas – Eu queimarei as deles também” (Adeyemi, 2018, p.407, tradução nossa).

Continuando, Zélie usa em seu grito de guerra a palavra “magia” para se referir à maneira que os Majis tinham para se defender antes da Ofensiva. A simples palavra tem em sua maioria um significado místico, mas aqui é visto como uma arma para a defesa. Porém, quando fazemos uma ligação com o mundo exterior da ficção, é possível lembrar de revoltas africanas, como a Revolta Mau Mau, um movimento que teve como principal objetivo a liberação do Quênia das forças britânicas que colonizava o país (Oliveira, 2015). Nessa revolta, a magia também era usada como resistência, a crença em seus deuses e juramento que mantinha os soldados quenianos focados para ir batalhar contra o império opressor (Oliveira, 2015). Assim, ao se referir a magia, Zélie não se refere a isso apenas como uma arma que pode derrotar a monarquia de Saran, mas também se acredita que é a magia, a crença, o juramento dos Majis em seus deuses que os mantem unidos para guerrear naquele momento decisivo.

Diante disso, é perspicaz entender que nenhuma dominação tem um efeito total por toda uma população, então em um local que haja um poder hegemônico também haverá uma resistência das pessoas oprimidas por ele (Bush, 2001). A colônia é um ciclo que domina sim diversas pessoas, mas, mesmo tendo um ciclo que comprova um governo opressor, essa força, seja em forma de violência ou discurso, será contra-atacada em algum momento. Por isso que Zélie termina a fala dizendo: “If they burn our homes— I burn theirs, too” (Adeyemi, 2018, p. 407) para demonstrar que não há poder opressivo que não seja possível devolver de alguma forma.

Na narração autodiegética, uma narração que indica que foi realizada por alguém que está participando dos momentos do enredo (Santos; Oliveira, 2001). Zélie descreve os momentos da batalha, em que ela anuncia o contra-ataque começando com “*they*” indicando a monarquia “*our*” apontando para o povo de Ilorin e finalmente “*I*” para falar de si própria mostra bastante acerca dos sentimentos dela. Isso indica que ela culpa “eles”, todo o império de Saran pelas coisas que aconteceram com as “nossas” casas, ou seja, nosso povo e assim, finalmente, chegando a ela com o “eu” que liderando aquela resistência, tendo um papel principal, tanto por ser a pessoa que pode trazer a magia de volta e, também, porque ela se sente responsável por muitos acontecimentos ruins que vieram a ter. A troca de pronomes na fala da protagonista mostra que Zélie se sente preparada para liderar uma resistência com tudo que tem em mãos.

Tanto que Bhabha (2004) trata a resistência como um processo ambivalente ao imperialismo, ambos conseguem ter a força de mudar toda a realidade de uma nação por meio de regras e de um certo esquema de poder que quebre a hierarquia atual. Assim, no caso de

Zélie, a protagonista deixa claro desde cedo quais são os focos da luta que ela carrega consigo unida ao povo de Orisha, de trazer de volta algo que lhe foi tomado para que, assim, não seja confundida com uma tirana.

A resistência armada que devolve um ataque com outro ataque pode ser confundida e tida como um argumento para a maior expansão da hegemonia. Observe-se que tanto Rei Saran como Zélie usam da palavra “burn” (“queimar”), para falar de seus objetivos, e isso pode ser usado para colocar os dois no mesmo patamar. A voz do subalterno sendo coberta mais uma vez pela voz do opressor para que seja silenciado mesmo em um momento de luta (Spivak, 2010). Quanto à ideia de trazer Zélie como o símbolo de resistência, precisou que ela fosse atacada primeiro, que o povo dela também fosse machucado, para que a narração da obra de Adeyemi pudesse transmitir o verdadeiro significado do oprimido resistir, mas sem se tornar opressor.

#### 4 “DO YOU THINK ANYBODY’S LISTENING?”<sup>26</sup>: últimas palavras, mas a nossa resistência não acaba aqui

Hegemonia e resistência, dois lados de uma moeda que pesa bastante quando se trata da vida de pessoas que há muito foram impedidas de viver em paz com sua própria cultura e liberdade em suas terras que foram tomadas. A existência de pessoas dentro de uma sociedade colonizada por si já é repleta de violências, com a presença da hegemonia, tais pessoas tem a própria cultura arrancada de si por proibições que levam a punições violentas. Então, é nesse momento que a resistência entra para impedir que esses indivíduos percam o pouco que ainda os resta e lutar para aquela realidade imperialista ter um fim.

Diante disso, retorno a minha inquietação que guiou a pesquisa: Como as ações de hegemonia e as formas de resistência são exercidas no livro *Children of Blood and Bone* (2018)? Assim, conseguimos obter uma resposta para a questão após demonstrar como Rei Saran e a monarquia agiram com o povo de Orisha para dominá-los e como esse mesmo povo unido a Zélie, protagonista da obra, demonstraram diversas formas de resistência contra o reinado do antagonista. Tendo respondido à pergunta, também atingimos o objetivo geral do trabalho que foi investigar como a hegemonia e a resistência são exercidas no livro *Children of Blood and Bone* (2018) à luz dos estudos pós-coloniais.

Além do objetivo geral, foram postulados três objetivos específicos que também nos auxiliaram a concluir a pesquisa da monografia. O primeiro deles foi discutir as teorias dos estudos pós-coloniais com ênfase nos conceitos de hegemonia e resistência, objetivo esse que foi alcançado no primeiro capítulo em que os dois tópicos foram abordados juntamente com as temáticas que se envolvem a eles e com a explicação de que a hegemonia seria explorada pela visão de Rei Saran e da monarquia, e a resistência pelas lentes de Zélie e o povo de Orisha.

Seguindo, o segundo objetivo específico foi descrever como a hegemonia é retratada com a dominação da monarquia contra os Majis, objetivo abordado no capítulo dois, em que as cenas que Rei Saran usa de sua força e poder para governar Orisha e., de acordo com os pressupostos teóricos abordados anteriormente no capítulo um, o monarca utiliza do medo e da dor para controlar o povo que ele acorrentou após a Ofensiva.

O terceiro objetivo específico foi analisar como os Majis e o povo de Orisha exercem a resistência contra a dominação dos colonos. Objetivo também abordado no capítulo dois que

---

<sup>26</sup> “Você acha que alguém está ouvindo?” (tradução nossa). Frase presente no filme *Rogue One: Uma história de Star Wars* (2016), da Disney+, em que os personagens Jyn e Cassian conseguem mandar uma mensagem crucial para a derrota do império fascista presente no universo da franquia.



demonstra a resistência linguística, cultural e armada dos Majis e do povo de Orisha, liderado por Zélie, a protagonista que os leva para a luta de trazer a magia de volta e acabar com a opressão da monarquia.

Todas as cenas que foram analisadas por excertos da obra, com análises interpretativistas pelas lentes dos estudos pós-coloniais, nos deram os resultados de como a hegemonia e a resistência podem atuar de formas diferentes.

A hegemonia foi vista em dois âmbitos, o primeiro deles sendo a descartabilidade de um povo, uma vez que no excerto em que Rei Saran ao perder um pergaminho e saber que está com Zélie, uma Maji do vilarejo de Ilorin, foi possível concluir ele usa do medo e da força que tem em soldados e seu próprio filho para tentar encontrar o objeto. Porém, para ele apenas ter o rolo de volta não seria suficiente, então ele manda o príncipe queimar o vilarejo para demonstrar poder por meio do fogo que mataria todas as pessoas daquele local e colocaria medo nas outras que vivem ao redor.

A outra cena que demonstra um outro âmbito hegemônico, com a tortura como instrumento de controle, é talvez o momento mais delicada da obra, nesta Rei Saran tortura Zélie com metal quente para que ela revele onde os fugitivos do reino e os objetos mágicos estão. O excerto é narrado pelo príncipe Inan, demonstrando que naquele momento, Zélie estava totalmente dominada, ninguém ouviria seus gritos fora da cela, ninguém saberia da real dor que ela estava passando. Concluímos que Saran a torturou por ser Maji e por ser mulher, abusando do corpo físico dela e deixando uma marca permanente. A cena mostra o poder da hegemonia em uma das formas mais terríveis que possa existir.

Na análise do outro conceito, desta vez, a resistência, os âmbitos foram vistos em três momentos, primeiro a resistência linguística em que Mama Agba, a anciã do vilarejo de Ilorin usa de uma palavra em Yoruba para repreender Zélie por ter sido descuidada ao falar com os guardas do rei. A simples expressão já se retrata uma forma de resistência, sendo ela a usar da linguagem para resistir ao sistema opressor, já que o Yoruba foi proibido pelo rei. Assim, chegamos ao resultado que Mama Agba resiste por ainda usar do idioma e assim passa a mensagem para Zélie, que mesmo tendo que se esforçar para lembrar o significado, a insistência em compreender o que a anciã fala, traz o valor que a língua materna delas tem.

O excerto que vem logo após, descreve a resistência em âmbito cultural em que Zu, uma outra Maji de Orisha convida Zélie para que eles possam celebrar o Àjoyò, um festival para a Mãe do Céu, algo que também foi proibido pela monarquia pelo culto a deuses que mágicos. A menção ao festival traz boas memórias a Zélie acerca da vida dela antes da ofensiva, o que a

incentiva a continuar para celebrar a festividade, demonstrando que enquanto as memórias e a cultura estiverem vivas, a opressão não os tem controlados.

E para finalizar o capítulo das análises, a cena final escolhida é do contra-ataque que Zélie lidera em uma batalha final revelando a resistência armada que é vista como uma tentativa de acabar com o reinado de Saran e opressão que os Majis sofreram. A análise conclui como esse tipo de resistência pode ser coberto pelo discurso da hegemonia os tratando como criminosos, já que a protagonista usa das mesmas palavras que o rei antes usou para atacar o vilarejo dela. Por isso que durante a análise foi preciso deixar claro as intenções de Zélie naquele ataque para que a nossa investigação não a comparasse como uma opressora.

As análises demonstraram que um governo imperialista usa do que tiver em seu alcance para controlar a nação que foi invadida e colonizada, e em adendo a isso, demonstra que onde a hegemonia é presente, diversas faíscas de resistência também estarão, até que o fogo se acenda para devolver todos os ataques que foram feitos.

Conseguir ler esta monografia é uma mistura de diversos sentimentos que se acumularam ao longo do período de escrita dos pressupostos teóricos e análises da obra. Muito se aconteceu, diferentes textos, livros, artigos foram lidos com muita precisão para que pudessem ser selecionados para aqui estarem fazendo parte deste trabalho. Houve muitas incertezas do que poderia se encaixar ou não, dúvidas no tocante do que escrever e do que retirar, reuniões e mais reuniões com correções para a melhoria dos detalhes, tudo isso fez parte da jornada acadêmica que foi escrever a pesquisa acerca *Children of Blood and Bone* (2018) de Tomi Adeyemi.

Esperamos que este trabalho auxilie novos pesquisadores na área de letras, especialmente dos estudos pós-coloniais, que os estudantes se sintam inspirados pela trajetória de Zélie e continuem a investigar as opressões abordadas em outras obras literárias mundiais. A narrativa da protagonista não se encerra no final do livro usado nesta pesquisa, então os volumes dois e três trazem outros tópicos e problemáticas que poderiam ser investigadas, tanto no viés pós-colonial como em outras áreas de estudos.

De uma maneira pessoal, a presente pesquisa me<sup>27</sup> levou a sentir a intensidade de vários sentimentos, abriu meus olhos para novas visões de como a interpretação de um livro pode mudar a percepção do mundo a fora. Me indagar ainda mais como ainda é possível que haja tantas nações que sofram com tamanha violência, sejam elas físicas, morais, psicológicas ou

---

<sup>27</sup> Uso da primeira pessoa para discorrer acerca da experiência particular da autora.

discursivas. Assim, me fazer perceber que o mundo ainda tem muito a que melhorar para que o passado colonial não seja esquecido e muito menos repetido, mas sim compreendido e debatido.

Concluindo, ter hegemonia e resistência debatidos faz com que um leque de oportunidades para outros temas sejam abertos e a curiosidade de entendê-los não pare neste trabalho. Como está escrito no título dessa seção de conclusão “Você acha que alguém está ouvindo?”, esperamos que sim, que outras pessoas estejam lendo e ouvindo para continuar a ter novas faíscas de resistência no mundo afora.

## REFERÊNCIAS

ADEYEMI, Tomi. **Children of Blood and Bone**. New York: Henry Holt And Company, 2018.

AMAZON. **Children of Blood and Bone by Tomi Adeyemi**. 2018. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Children-Blood-Legacy-Orisha-English-ebook/dp/B074DZ9MKS>. Acesso em: 28 jun. 2025.

ASHCROFT, Bill. Conflict and Transformation. **The IAFOR Journal of Literature and Librarianship**, v. 3, n. 1, p. 1-28, 2014. Disponível em: <http://iafor.org/archives/journals/iafor-journal-of-literature-and-librarianship/10.22492.ijl.3.1.02.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.

BHABHA, Homi. **The Location Of Culture**. London/New York: Routledge, 2004.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-Chave Da Teoria Pós-Colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

BONNICI, Thomas. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas.; ZOLIN, Lúcia. O. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. ver. e ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 257 – 286.

BOSI, Alfred. Narrativa e Resistência. **Itinerários - Araraquara**, São Paulo, n. 10, p. 11-27, 2002.

BUENO, Ana Lúcia Dacome. Estratégias e táticas de resistência pós-colonial em *A girl walks home alone at night*: um outro uso do véu. **Revista Aled**. p. 1-15, 2016. Disponível em: <https://www.revistaaledbr.ufscar.br/index.php/revistaaledbr/article/view/112/106>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BUSH, Barbara. **Imperialism and Postcolonialism**. London, Pearson Longman, 2006.

BUSH, Barbara. **Imperialism, race and resistance: Africa and Britain, 1918 to 1945**. Londres: Routledge, 2001.

CANDIDO, Antonio. O Direito À Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4. ed. Rio De Janeiro: Ouro Sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CARDOSO, Hélia da Silva Alves. A floresta como representação espacial e temporal em *Filhos de Sangue e Osso*. **Diálogos científicos: literatura, linguística, educação e interartes**. p. 53-67, 2023. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/105803993/Dialogos\\_Cientificos\\_E\\_book\\_Final.pdf](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/105803993/Dialogos_Cientificos_E_book_Final.pdf). Acesso em: 25 jun. 2025.

CARDOSO, Hélia da Silva Alves. **O Universo De Orisha: As Representações Da Violência Em *Children Of Blood And Bone***, De Tomi Adeyemi. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/c98fe80e-c0aa-4e15-ae75-2cacb19891d5/content>. Acesso em: 25 jun. 2025.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio Da Teoria**. Minas Gerais: Ufmg, 2010.

CULLER, Jonathan. **Literary Theory: A Very Short Introduction**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2011.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia De Pesquisa Em Literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

EAGLETON, Terry. **Teoria Da Literatura: Uma Introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. **Sobre A Literatura: Ensaio**. Tradução De Eliana Aguiar. Rio De Janeiro: Record, 2003.

EDWARDS, Gareth, (Dir). **Rogue One: Uma História Star Wars**. Direção Gareth Edwards; Produção Lucasfilm; Roteiro Chris Weitz; Tony Gilroy. [S.I.]: Disney+, [2016]. 1 DVD (133 min.): NTSC: son., color.

FANON, Frantz. **Os Condenados Da Terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz De Fora: Ufjf, 2005.

FERRO, Marc. **A Colonização Explicada A Todos**. São Paulo: Unesp, 2017.

FOUDANTION, P. **If We Must Die by Claudie McKay**, (2025, [1919]). Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poems/44694/if-we-must-die>. Acesso em: 26 mai. 2025.

HALL, Stuart. **Essential Essays: Identity and Diaspora**. 2.ed. North Carolina: Duke University Press, 2019.

KISER, Catherine. Zélia Adebola, Maji of the Ikú Clan. 16 set. 2022. Instagram: @c.g.kiser Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CikstV\\_uQLT/](https://www.instagram.com/p/CikstV_uQLT/). Acesso em: 20 set. 2025

MACHIRA, Mike. **Children of Blood and Bone Fan cast**. ArtStation, 2021. Disponível em: <https://www.artstation.com/artwork/Oo6POg>. Acesso em 15 set. 2025.

MACMILLAN, Pan **Who are the Maji?: A guide to the ten clans of Orisha**. 2020. Disponível em: <https://www.panmacmillan.com/blogs/fiction/maji-guide-children-of-blood-bone-tomi-adeyemi>. Acesso em: 31 out. 2025.

MIRANDA, Luis César dos Santos. **Vizinhos do (in)conformismo: O Movimento dos Sem Teto da Bahia entre a hegemonia e a contra-hegemonia**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Bahia, Salvador, 2008. Disponível em:

<http://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11353/1/Dissertacao%20Luiz%20Mirandaseg.pdf>.

Acesso em: 27 jun. 2025.

MORAES, Mário César Barreto; LEAL, Fernanda Geremias. Globalização, (De)Colonialidade E (Contra)Hegemonia No Contexto Da Internacionalização Da Educação Superior: O Grito Surdo Da Academia. **Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 27, n. 2, p. 313–342, maio 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/read/a/mXP76RhXZ9sgbzNHM7yY4TM/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

OLIVEIRA, Bruno Ribeiro. **Insurgência Mau Mau**: Resistência armada no Quênia, 1952-1960. 2015. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/132363>. Acesso em: 15 jun. 2025.

OYEWUMI, Oyeronke. **The Invention of Women**: making an African sense of western gender discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.

PUGLIESE, Joseph. **More-than-human Diasporas**: Topologies of Empire, Settler Colonialism, Slavery. New York: Routledge, 2025.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2011.

SAID, Edward. **Orientalismo**: O Oriente Como Invenção Do Ocidente. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Susana Pessoa **Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis**: Introdução à Teoria da Literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHUMER, Lizz. **Children of Blood and Bone Author Tomi Adeyemi Has More Fantasy in Store (Exclusive)**. People.com. 2 mar. 2024. Disponível em: <https://people.com/children-of-blood-and-bone-author-tomi-adeyemi-has-more-fantasy-in-store-8603248>. Acesso em: 30 set. 2025.

SHARPE, Jenny. **Allegories of Empire**: The Figure of Woman in the Colonial Text. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

SILVA, Gleicimaria Meneses. “**Aks who i am**”: a identidade fragmentada de Erik Stevens/Killmonger/n’Jadaka do filme Black Panther (2018) – uma leitura do “eu” e do “outro” à luz dos estudos pós-coloniais. 2022. monografia (licenciatura Plena em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2022. Disponível em: [https://drive.google.com/drive/folders/1mFehM6jOAaC2SXkLBK0EGxqqito\\_LCYv](https://drive.google.com/drive/folders/1mFehM6jOAaC2SXkLBK0EGxqqito_LCYv). Acesso em: 19 dez. 2024.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty **The Rani of Simur**: An Essay in Reading the Archives. *History & Theory*, V. 24, N. 3, 1987, P. 247- 272.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?**. Belo Horizonte: Edufmg, 2010.

SUTHERLAND, John. **How Literature Works: 50 Key Concepts**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

THIONG'O, Ngugiwa. W. **In The Name Of The Mother: Reflections on writers and empire**. California: James Currey, 2013.

TYSON, Lois. **Critical Theory Today: A User-Friendly Guide**. 3. ed. New York: Routledge, 2023.

VERACINI, Lorenzo. **Colonialism: A Global History**. New York: Routledge, 2023.

YOUNG, Robert J C. **Postcolonialism: A Very Short Introduction**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2021.